Cinearte

ANNO V N. 220
BRASIL, RIO DE JANEIRO, 14 DE MAIO DE 1930
Preço para todo o Brasil 1$000

WILLIAM HAINES

Vós, fracos, enfermos especialmente vós que temeis a tisica ou outra enfermidade fatal, ouvi!

E' quasi incrivel a rapidez com que o *Bacalaol do Dr. Richards* começa a produzir carnes, vitalidade, sangue vermelho, em uma palavra — VIDA.

Este novo methodo de tomar o mais puro oleo de figado de bacalhau em pastilhas, sem cheiro e sem sabor, é a taboa de salvação dos fracos.

As pessôas fracas, doentias, cansadas e debeis, as que necessitam rodear o seu corpo de carnes firmes e solidas, as creanças rachiticas, de ossos amollecidos, todo o mundo, emfim, deve promptamente approveitar-se do BACALAOL..

Unicos depositarios:

Sociedade Anonyma Lameiro

RIO DE JANEIRO

A mulher que preza o encanto de sua belleza traz sempre, no seu toucador, um vidro de *Cutisol-Reis*. Limpa a pelle de todas as impurezas, destruindo todos os parasitas que a afeiam, como o attestam as maiores summidades medicas, e é o melhor fixador do pó de arroz. Usem-no os cavalheiros depois de barbearem-se!

ENCONTRA-SE EM TODAS AS PHARMACIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS.

COUPON

Caso o seu fornecedor ainda não tenha, corte este coupon e remetta com a importancia de 5$000 (preço de um vidro) aos depositarios: Araujo Freitas & Cia. — Rua dos Ourives, 88

Caixa Postal 433 — Rio de Janeiro

Nome ....

Rua ....

Cidade ....

Estado .... (Cinearte)

Grande Concurso de Contos Brasileiros

"O MALHO" — que é uma das mais antigas revistas nacionaes — considerando o enorme successo que vem despertando entre os novos contistas brasileiros e o publico em geral, a literatura ligeira, de ficção ou realidade, cheia de interesse e emoção, resolveu abrir em suas paginas um GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS, só podendo a elle concorrer contistas nacionaes e recompensando com premios em dinheiro os melhores trabalhos classificados.

Os originaes para este certamen, que poderão ser de qualquer dos generos — tragico, humoristico, dramatico ou sentimental — deverão preencher uma condição essencial: serem absolutamente inéditos e originaes do autor.

Assim procedendo, "O MALHO" tem a certeza de poder ainda mais concorrer para a diffusão dos trabalhos literarios de todos os escriptores da nova geração, como ainda incentival-os a maiores expansões para o futuro, offerecendo aos leitores, com a publicação desses contos em suas paginas, o melhor passatempo nas horas de lazer.

C O N D I Ç Õ E S :

O presente concurso se regerá nas seguintes condições:

1) Poderão concorrer ao grande concurso de contos brasileiros de "O Malho" todos e quaesquer trabalhos literarios, de qualquer estylo ou qualquer escola.
2) Nenhum trabalho deverá conter mais de 10 tiras de papel almaço dactylographadas.
3) Serão julgados unicamente os trabalhos escriptos num só lado de papel e em letra legivel ou á machina em dois espaços.
4) Só poderão concorrer a este certamen contistas brasileiros, e os enredos, de preferencia, versarem sobre factos e coisas nacionaes, podendo, no emtanto, de passagem, citar-se factos estrangeiros.
5) Serão excluidos e inutilizados todos e quaesquer trabalhos que contenham em seu texto offensa á moral ou a qualquer pessoa do nosso meio politico ou social.
6) Todos os originaes deverão vir assignados com pseudonymo, acompanhados de outro enveloppe fechado com a identidade do autor, tendo este segundo, escripto por fóra, o titulo do trabalho.
7) Todos os originaes literarios concorrentes a este concurso, premiados ou não, serão de exclusiva propriedade desta empresa, para a publicação em primeira mão, durante o prazo de dois annos.
8) E' ponto essencial deste concurso, que os trabalhos sejam inéditos e originaes do autor.

P R E M I O S :

Serão distribuidos os seguintes premios aos trabalhos classificados:

1° logar	Rs. 300$000
2° "	Rs. 200$000
3° "	Rs. 100$000
4°, 5° e 6° collocados, cada . . .	Rs. 50$000

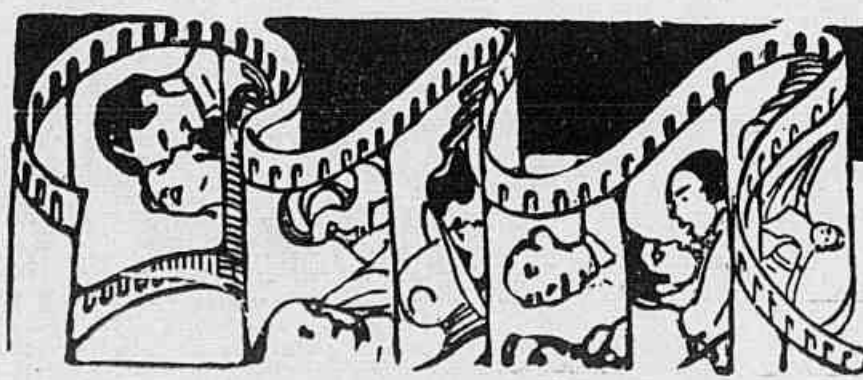
Do 7° ao 15° collocados — (Menção Honrosa) — Uma assignatura semestral de qualquer das publicações: "O Malho", "Para todos...", "Cinearte" ou "O Tico-Tico".

E N C E R R A M E N T O :

O presente GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS será encerrado no dia 28 de Junho de 1930, para todo o Brasil, recebendo-se, no emtanto, até 3 dias depois dessa data, todos os originaes vindos do interior do paiz, pelo correio.

J U L G A M E N T O :

Após o encerramento deste certamen, será nomeada uma imparcial commissão de intellectuaes, criticos e escriptores para o julgamento dos trabalhos recebidos, commissão essa que annunciaremos antecipadamente.

I M P O R T A N T E :

Toda a correspondencia e originaes referentes a este concurso deverão vir com o seguinte endereço:

Para o

"GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS"
Redacção de "O Malho" — Travessa do Ouvidor, 21 — Rio de Janeiro.

OS PREMIOS D'"O TICO-TICO"

O Tico-Tico, a querida revista das creanças, entre os valiosos premios que distribue aos leitores nos seus concursos semanaes, incluiu alguns livros de muito encanto e utilidade para a infancia. Essse livros constituem collecções completas, de 9 e 12 volumes cada uma, das preciosas obras "Encanto e verdade", do professor Thales de Andrade, e "Galeria dos Homens Celebres", do professor Alvaro Guerra. "Encanto e verdade" divide-se em nove volumes, a saber: A filha da floresta — El-rei Dom Sapo — Bem-te-vi feiticeiro — D. Iça rainha — Bella, a verdureira — Tótó judeu — Arvores milagrosas — O pequeno magico — Fim do mundo. "Galeria dos Homens Celebres", do professor Alvaro Guerra, comprehendendo os seguintes volumes: I — José de Anchieta, II — Gregorio de Mattos, III — Basilio da Gama, IV — Thomaz Gonzaga, V — Gonçalves Dias, VI — José de Alencar, VII — Casimiro de Abreu, VIII — Castro Alves, IX — Alvares de Azevedo, X — Fagundes Varella, XI — Machado de Assis, XII — Olavo Bilac. Essas collecções constituem primorosos livros de caprichosa confecção material e foram editados pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, que os offereceu para premios d'*O Tico-Tico*, demonstrando, desse modo, o zelo e dedicação que, de ha muito, aliás, dispensa a todas as manifestações em beneficio da instrucção do povo.

Telegrammas: FILME

PROGRAMMA REX

Telephone: 2-3654

ORLANDO MOURA

Rua da Carioca, 6-1.º

RIO DE JANEIRO

CINEMA SONORO

Som no disco — **Som no film**

COM OS AFAMADOS APPARELHOS AMERICANOS PARA FILMS FALLADOS, CANTADOS E MUSICADOS

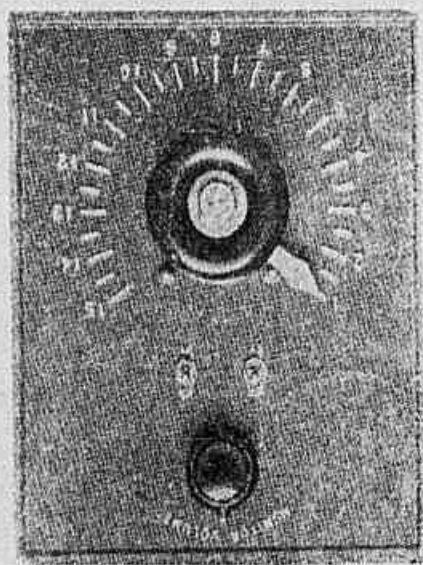
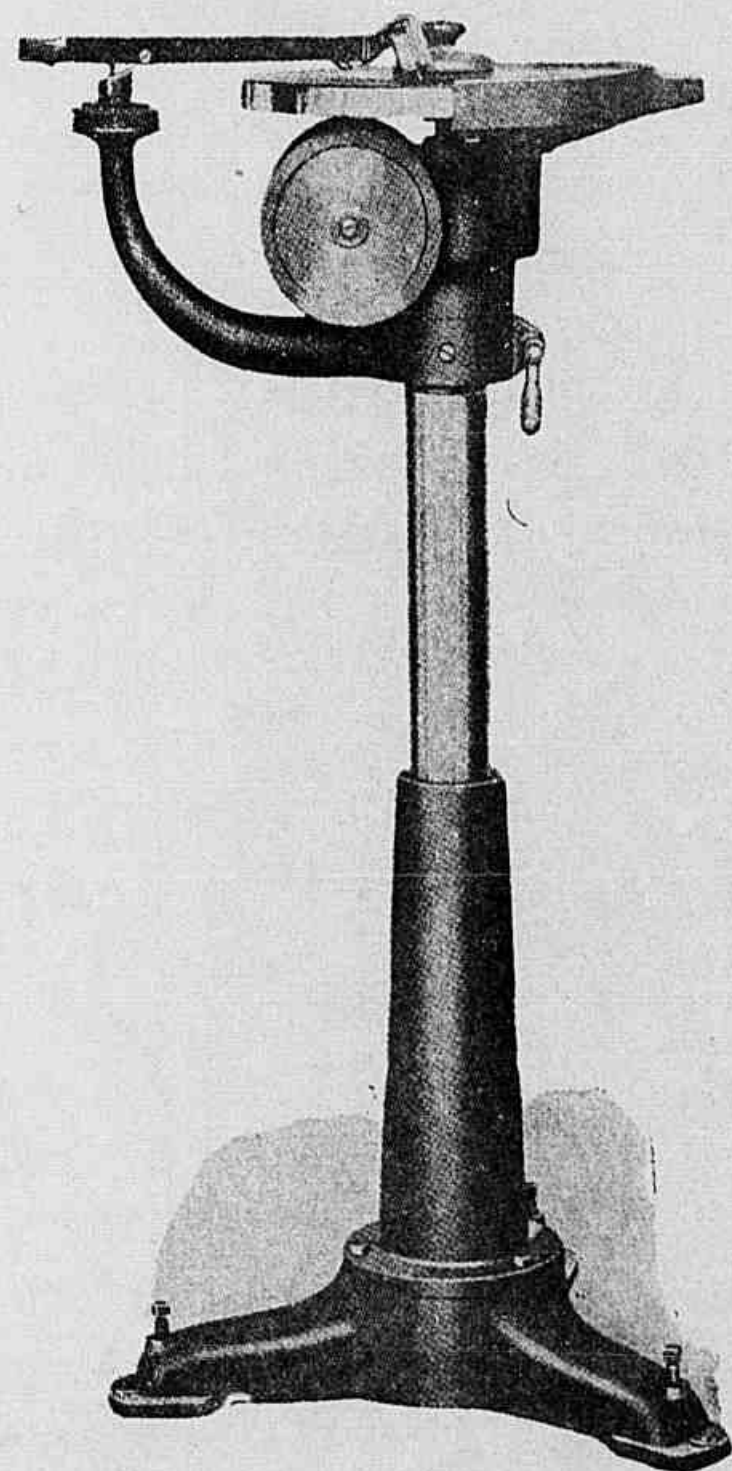
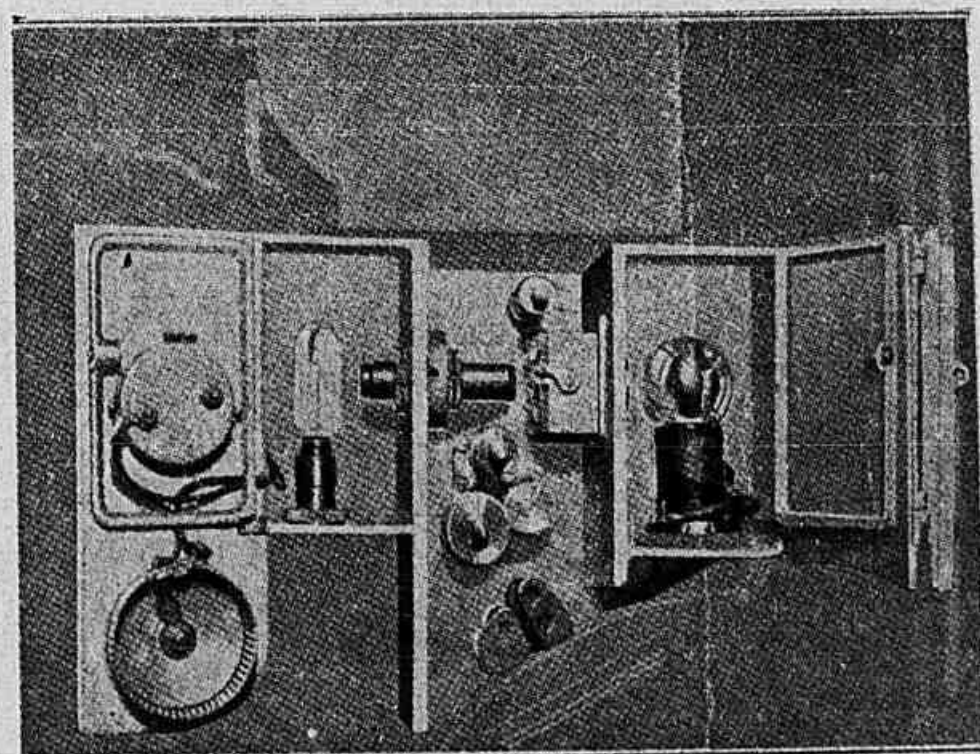
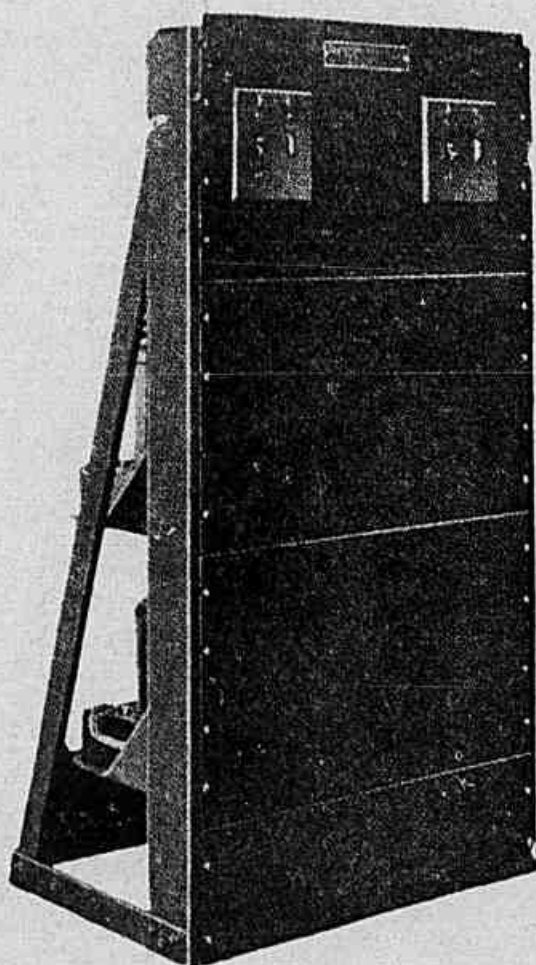
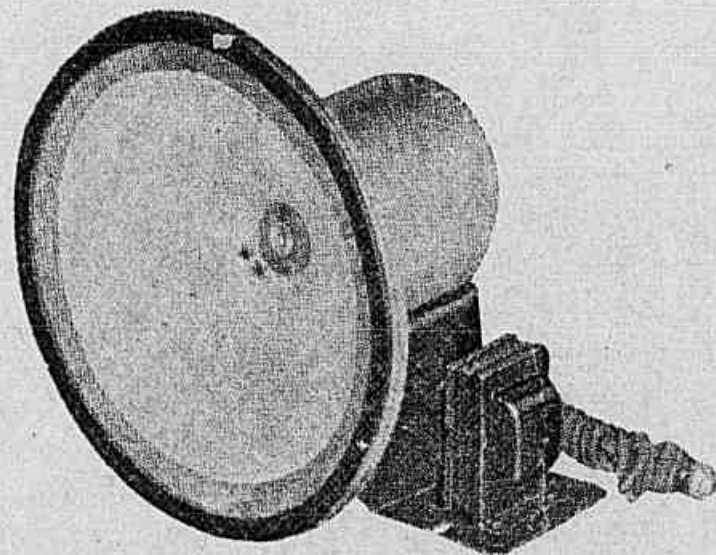
SUPER MELLAPHONE

(DA MELLAPHONE CORPORATION-ROCHESTER-N. Y.)

PARA CINEMAS ATÉ **3.000** LOGARES!

PREÇOS ACCESSIVEIS A TODOS OS EMPRESARIOS

SOM NO DISCO A PARTIR DE **7:500$000**

Adapta-se a qualquer projector

Perfeito funccionamento! manejo facil!

CINEMA FALLADO AO ALCANCE DE TODOS!

PEÇAM INFORMAÇÕES

Glorificação da Belleza

(GLORIFYING THE AMERICAN GIRL)

Cinearte

MARY DORAN

OS entrevistas que o sr. Oduvaldo Vianna recemvindo dos Estados Unidos concedeu á imprensa vieram confirmar *in-totum* as nossas asserções quanto ás difficuldades com que teria de lutar o nosso mercado para supprir-se de films em vista do programma adoptado pelos grandes productores de só fabricarem films destinados ao mercado interno e extremamente ás terras de lingua ingleza. Essa crise que já é bastante accentuada tende a aggravar-se cada dia que passa. Nas grandes cidades os exhibidores vão se resignando a arcar com as grandes despezas para o apparelhamento de suas casas com os projectores de films sonoros.

O pequeno exhibidor porém, esse que não conta com grandes recursos, desola-se com a pobreza dos films de linha que lhe chegam e com a frieza do publico ao qual já começam a cansar as versões silenciosas que lhes querem impingir como obras especiaes.

Esse movimento de repulsa é geral pelo interior do paiz, como observamos *de visu* em varios logares e de outros sabemos por correspondencia que nos chega, toda ella portadora de queixas que nos fazem nossos leitores, como se em nossas mãos estivesse dar remedio ao mal.

Sempre, desde o primeiro dia, previmos que isso fatalmente succederia e logo adeantamos que do mal poderia para nos resultar um beneficio, (e que beneficio!) a implantação entre nós da industria cinematographica, a nacionalisação do film.

ANNO V

NUM. 220

Nas entrevistas do sr. Oduvaldo a mesma cousa tranparece e elle foi disso se assegurar em Hollywood e New York.

Combinamos na idéa, pois, mas só na idéa.

O illustre actor-emprezario quer, porém, e para isso affirma trazer já segundas opções de contractos, que vamos logo ao fabrico do film sonoro, ao passo que nós entendemos que o film brasileiro precisa servir a todo o Brasil e não apenas a uns doze Cinemas que espalhados por territorio immenso estão aptos a reproduzir os films falantes, e por isso e para isso devemos buscar desde já incrementar a producção do film silencioso, deixando o sonoro para depois. Começar pelos alicerces e regra de construcção que a boa prudencia aconselha não pôr de lado para não sermos victimas de algum desastre.

Querer fazer logo as cousas em grande sem ao menos contar com o consumo interno já que no externo nem devemos pensar é operação arriscadissima para os annunciados capitaes da empresa em via de formação.

Toda gente sabe que os grandes productores norte-americanos são a um tempo exhibidores, contando cada um delles com grandes salas de exhibição em todas as grandes e medias cidades dos Estados Unidos.

Foi justamente essa politica de absorpção dos pequenos exhibidores que fez William Fox dar com os burros nagua, recentemente.

Ora, em semelhante caso, desde que a politica productora se orientou para o fabrico apenas do film sonoro toda a casa de cada consorcio productor-exhibidor soffreu logo a modificação necessaria para a passagem dos novos productos cinematographicos.

Entre nós, porém, o mesmo não acontece. Raros são os exploradores do commercio cinematographico proprietarios de mais de uma casa. Podem ser contados a dedos.

Contar pois com a transformação quasi instantanea do aparelhamento dos nossos cinemas que só nestes ultimos tempos vinham substituindo archaicos projectores, os mais adquiridos em segunda mão, por typos mais modernos e positivamente não querem ver a realidade das cousas.

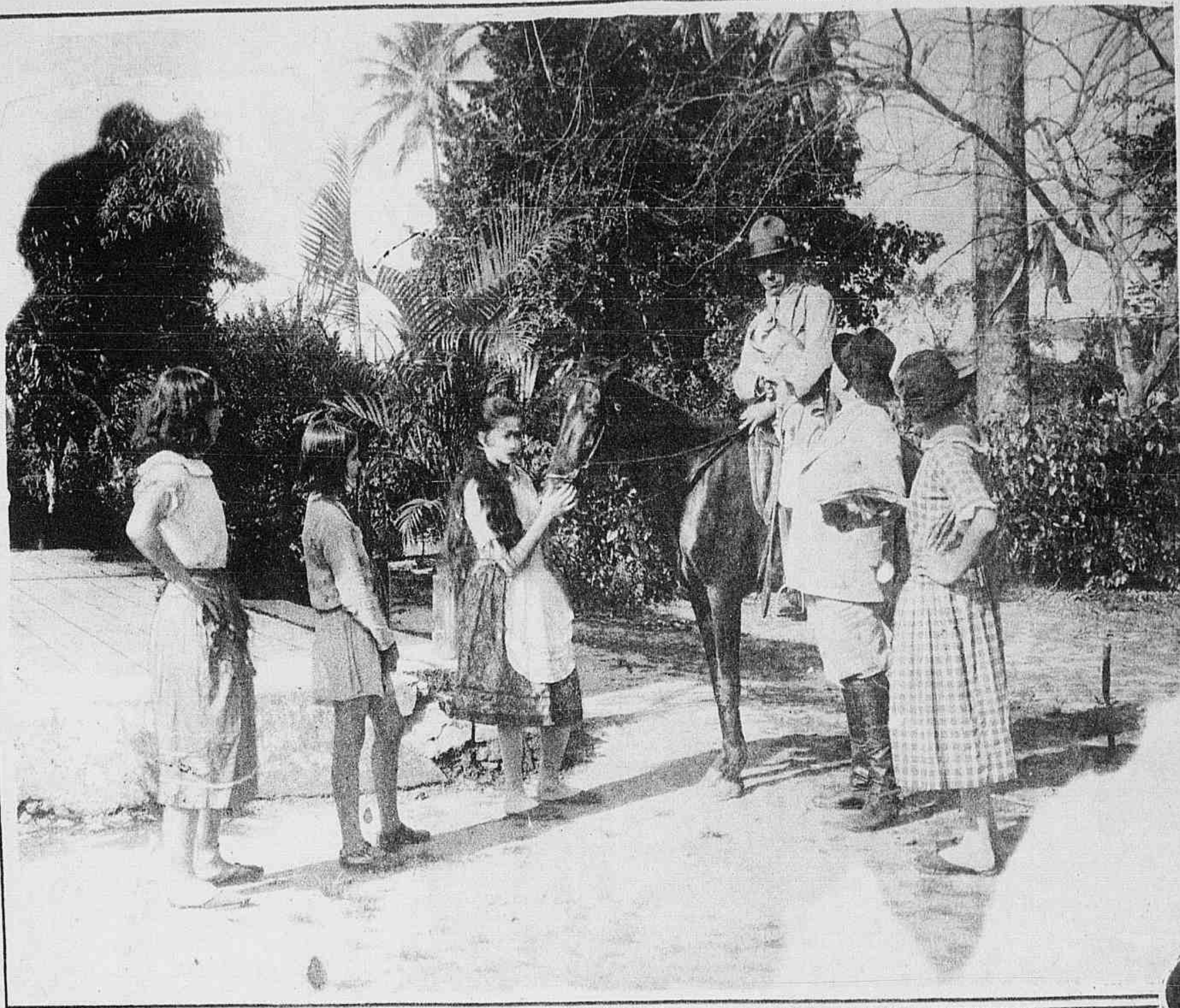
Temos na verdade que aproveitar a occasião para nacionalizar a industria cinematographica, mas para isso temos que agir com a maior prudencia e discermimento, pondo de lado sonhos irrealizaveis não alimentando fagueiras illusões que jamais se corporificarão, tacteando o terreno para com firmeza alcançar-mos o que será um dos maiores serviços prestados á nossa terra, conforme sempre temos affirmado. Desejamos que todos contribuam para esse desideratum patriotico.

Por isso mesmo nos sentimos muito á vontade dissentindo da orientação que parece ter trazido dos Estados Unidos o sr. Oduvaldo Vianna. Estude elle, antes de se atirar á sua empresa, as condições do nosso meio e veja bem o que elle comporta.

Em todas as empresas ha um lado commercial que não pode ser descurado. E' esse factor justamente o que contribue para o exito, para a compensação aos capitaes arriscados; desprezal-o é agir imprudentemente.

Os raros productores brasileiros que até aqui tem lutado com galhardia pela victoria da Cinematographia bem podem informar ao sr. Oduvaldo Vianna o quanto lhes tem custado até aqui transpor as formidaveis barreiras das *linhas* estabelecidas pelas agencias locadoras, o que de sacrificios tem representado a exhibição dos films nacionaes no territorio brasileiro, sacrificios só compensados pelo enthusiasmo com que são acolhidos os que realizam essa façanha. A Cinematographia brasileira ha de vir, ha de converter-se em realidade mais dia, menos dia. E' preciso, porém, que agora que ella já marcha a passos menos vacillantes não a venham comprometter de novo possiveis desastres, principalmente grandes desastres.

14 DE MAIO DE 1930

de um film que terá um cunho de perfeição mais accentuado, quiz elle apresentar um trabalho photographico a altura. Porquanto, além de director elle é um dos elementos do nosso Cinema que mais conhece o officio de manejar as lentes e dellas arrancar os melhores effeitos photographicos e artisticos.

ALMERY STEVES, ROSA MARIA, ODETTE SILVA E OUTROS NUMA SCENA DO FILM "DESTINO DAS ROSAS" DA SPIA FILM DE RECIFE

UM SYMBOLO DE "BARRO HUMANO..."

Maria da Conceição Correia nunca teve publicidade. Nunca sahiu na capa de "CINEARTE". Esta secção mesmo jamais publicou uma photographia sua. Nem sabia o que era carta de fanatico. E' esta a primeira vez que o seu nome sahe publicado. Maria da Conceição Correia era aquella velhinha que em "Barro Humano" observava aquelle idyllio de Gracia Morena.

Ainda não havia o "talkie". Mas Maria da Conceição era um typo que falava muito a alma. Fazia pensar. A sua "imagem" dizia uma porção de cousas. Estaria reprovando e ao mesmo tempo perdoando a liberdade das moças de hoje? Estaria considerando que no seu tempo só conseguia ver o seu namorado, de uma janella muito distante da estrada por onde elle passava?

O NOSSO CINEMA EM SÃO PAULO

"Dominó Negro" da Spia Film está terminado e Cleo de Verberena mostra-se satisfeita pelo seu trabalho. Na Metropole Isaac Faindenberg está cuidando da adaptação de um romance que terá Ronald de Alencar no principal papel. A Astro Film tambem já concluiu "Rosas de Nossa Senhora" sob a direcção de Paschoal di Lorenzo. A Sul America Film de Arlindo Amaral está em preparativos para filmagem de uma nova producção animada com o successo de "Piloto 13".

A Mendovil Film já tem adiantados os trabalhos de filmagem de "Fatalidade".

Joaquim Garnier vae offerecer no seu Studio, convidando para isso a officialidade do 4° Batalhão de Caçadores. Altas autoridades. Mundo official. Chronistas de jornaes. Productores. Exhibidores. Uma festa na qual apresentará o film "A's Armas!!!", já inteiramente copiado e com letreiros, prompto para exhibição. Fará com que se filme o aspecto da inauguração official do Studio, a qual cerimonia será seguida de um banquete offerecido pela Empresa. E esta filmagem será o film de abertura do dia da estréa do mesmo em um dos grandes Cinemas de S. Paulo.. Para a proxima producção já estão escolhidos dois artistas. Nilo Fortes e Americo de Freitas.

Como se vê, S. Paulo continúa a ter um grande movimento pelo Cinema Brasileiro. Mas infelizmente estes esforços são pouco conhecidos porque a publicidade, especialmente necessaria para o successo de qualquer film não tem sido cuidada. E por isso "CINEARTE", a não ser quando vae buscal-as na porta de cada empresa, não recebe nenhum material e não pode provar que não tem preferencia pelos productores do Rio, mais conhecedores de propaganda e naturalmente mais em contacto com esta revista.

CINÉDIA STUDIO

Dado o numero de cartas que se têm dirigido para o "Cinearte Studio", referentes á redacção desta revista, e, assim, sendo facil a confusão, resolveu Adhemar Gonzaga, seu proprietario, para effeitos de correspondencia, chamal-o, daqui para diante, *Cinédia Studio*, nome esse que tambem é da empresa de que tambem é director. *Cinédia Studio*, agora em construcção, já tem suas obras em grande gráu de adiantamento. Já estão erguidos os camarins, que serão totalmente cobertos até dia 10 deste mez. E, ainda, o edificio á entrada que se destina ao escriptorio da *Cinédia*. Assim, de accordo com calculos optimistas, é justo esperar-se que até fins de Junho esteja elle totalmente concluido para sua inauguração official.

"O PREÇO DE UM PRAZER"

A *Cinédia*, que já tem avançadissima a filmagem de "Labios sem Beijos", acaba de iniciar domingo ultimo, sob a direcção de Adhemar Gonzaga, os trabalhos do seu segundo film. Será elle *"O Preço de um Prazer"*. Como estrella e unica figura principal, acha-se Didi Viana. E como operador Humberto Mauro. O facto de Humberto Mauro operar este film, prova, mais uma vez, de sobra, o quão esforçado e o quão dedicado é elle ao Cinema Brasileiro. Deixando de lado qualquer pretenção possivel dada a sua condição de director Brasileiro que mais films até hoje fez, offereceu-se elle proprio para o cargo que brilhantemente occupa. Porque tratando-se

DIDI VIANA E' AGORA A ESTRELLA DE "O PREÇO DE UM PRAZER".

Seriam recordações de outros idyllios mais ardentes e sinceros?... Porque, afinal, a amar sempre foi a mesma cousa em todos os tempos? Não se sabia. Era uma "nuance", um detalhe bonito de um film silencioso, o verdadeiro Cinema...

Pois Maria da Conceição, morreu. Chegou a fazer 83 annos. Algumas flores vulgares foram levadas de bonde pelo seu filho lá para o logar onde ella parou. Maria da Conceição foi uma artista deste Cinemazinho nosso que já preoccupa a tanta gente, só porque vae caminhando sempre para frente...

Maria trabalhou um dia apenas Não tinha caixa de maquillagem. Não conheceu um camarim. Não ficou vivendo de publicidade e gentilezas... Para ella, o Cinema Brasileiro tinha-se esquecido de sua collaboradora.

Mas ella nunca se esquecera do Cinema Brasileiro, procurando saber sempre do seu progresso, das figuras que vira trabalhar, assistindo varias vezes o "Barro Humano" e rezando todas as noites pela victoria completa desta causa sincera que já não é mais uma questão de industria, ambição nem patriotismo.

E' uma questão de honra.

Maria da Conceição Correia era bem differente de muitas estrellas nossas tão admiradas, algumas apenas pelas bolas de sabão da publicidade que as cerca...

AGRA FILM

Lourival Agra, antigo associado da Beryllus Film e que figurou naquella scena de escriptorio de "Barro Humano", depois de varias experiencias, acaba de organizar a "Agra Film" e já começou a filmagem da primeira producção, "Degráos da Vida" de que é tambem director. Os trabalhos de machina estão a cargo de Valentim Rodrigues. Lourival Agra mostra-se muito animado, mas ainda precisa de alguns typos para o seu film. E assim, pede a todos os candidatos que se dirijam por carta á redacção de "Cinearte".

Ronaldo Alencar appareceu em "Escrava Isaura"

No dia do anniversario de Humberto Mauro, a Cinédia lhe offereceu um jantar ao qual, compareceram Lelita Rosa, Gina Cavalliere, Paulo Morano, Adhemar Gonzaga, Maximo Serrano e outros. Ao Humberto foi offerecido um magaphone com phrases e assignaturas de todos os presentes.

A EXHIBIÇÃO DO "DESTINO DAS ROSAS"

"Destino das Rosas" da Spia, de Recife, vae ser exhibido em primeira no Cinema Royal desta cidade, ainda este mez.

E, a mesma empresa, como se sabe, a iniciou a filmagem de uma segunda producção que se intitula "Marcador de Corações" com Marcos Alberto e Rosa Maria.

FUTURAS ESTRÉAS

THE TALK OF HOLLYWOOD — (Sono Art) — Todo falado. — Eu tenho visto máus films. Diversos! Innumeros! Detestaveis, mesmo! Mas, francamente, nunca pensei que se pudesse fazer um que fosse "tão" ruim! Admiram-me os productores que gastam dinheiro e film, assim inutilmente, para filmarem essas borracheiras horriveis!

Gente simples. Caipiras. Moças melindrosas que aprendem modas em revistas. Pequenas sentimentaes e corações de mel. Rapazes espertinhos. Vestidinhos de chita e roupinhas de brim. Tremzinho que parece caixinhas de phosphoros engrupadas...

Seribaté!!! Ali está ella. Tudo isso e mais ainda. Cidadezinha que tem um pouco de sertão e um pouco de cidade. Que tem Luisa. Que tem Rosa. Que tem Roberto. Pé de Vento tambem... Parece que todos dormem e se divertem. Trabalho? Para que? Os balcões não ficam abandonados e as lojas vazias? Em compensação, os patrões e os proprietarios são valentes campeões de malha ou botcha...

Mas apezer dessa pasmaceira. Desse abandono feliz. Dessa despreoccupação infantil. Seribaté tem uma historiazinha que a enfeita. Moldura brilhante para esse quadro de sertão...

E' que Roberto ama Luisa. E Luisa é futil. Vaidosa e leviana.

No campo, no trabalho. Revolvendo a terra com tractores. Sempre elle se lembra della. Seu retrato sempre o acompanha... E sua imagem nunca abandona seu coração...

E Rosa... Pobrezinha della... E' a melhor amiguinha de Roberto. Parecem irmãos. Mas antes não fôsse assim. Porque ella o ama como se elle fosse a unica razão da sua existencia.

E' infeliz. Nasceu para as lagrimas. E diz, olhando o espelho. "Não me mintas! Se eu fosse linda como tu dizes que sou... Elle havia de me querer! Mas sei que sou feia..."

Pobrezinha! Roberto, emquanto descança, na hora do lunch, conta a Pé de Vento o que é a Cidade. São Poulo! Sonho de cimento armado! Fantasia de sons e ruido! Explica-lhe. Narra-lhe cousas da grande Cidade. Pé de Vento escuta.

Roberto entrega-lhe uma revista. Nella estão aspectos da Cidade. Pé de Vento olha... Ennerva-se... E' que vê outros aspectos. De praia... De pequenas em maillots...

Um film brasileiro da "Cruzeiro do Sul"

DIVA TOSCA ....ROSA
MECHITA COBOS ....LUISA
AMERICO DE FREITAS ....PE' DE VENTO
NILO FORTES ....LAURO
JOAQUIM GARNIER ....AUGUSTO
FLAVIO LIMA ....ALVARO
CALVUS REY ....TENENTE FERREIRA
GILBERTO MOURA ....ROBERTO
J. TRINDADE ....CORONEL NORONHA
MARIA COBOS ....D.ª MARTHA
COMM. J. FERNANDES ..SERAFIM D'ALMEIDA
JÓRGE MACEDO ....NAMORADO DE LUISA.

Producção de Joaquim F. Garnier. — Argumento de Plinio de Castro Ferraz. — Direcção de O. G. Mendes.

E vão dormir a sésta. Para cada duas horas de trabalho, Seribaté dá tres de descanço...

Emquanto isto, pelas ruas da cidadezinha entra uma linda baratinha Crysler. E' de Augusto. Um caixeiro viajante luzitano. Alto. Bigodudo. Forte e excessivamente confiado. Elle é da firma "Vende Tudo". E' a primeira vez que "faz aquella praça..."

Da lista de seus freguezes provaveis constava um nome. Genaro Gasparone. Italiano negociante de seccos e molhados.

E elle vae para a sua loja.

A' porta só encontra uma garota. Que está tomando conta do negocio...

— O Sr. Gennaro está?

E a pequena lhe diz que está. E aponta para a direita. Lá, Gennaro e um amigo jogam, calmos, uma partida de botcha.

— ...mas está muito occupado!

Augusto sorri.

— Suba. A filha delle o receberá. Póde entrar e esperar. Se esperar pouco sempre esperará meia hora...

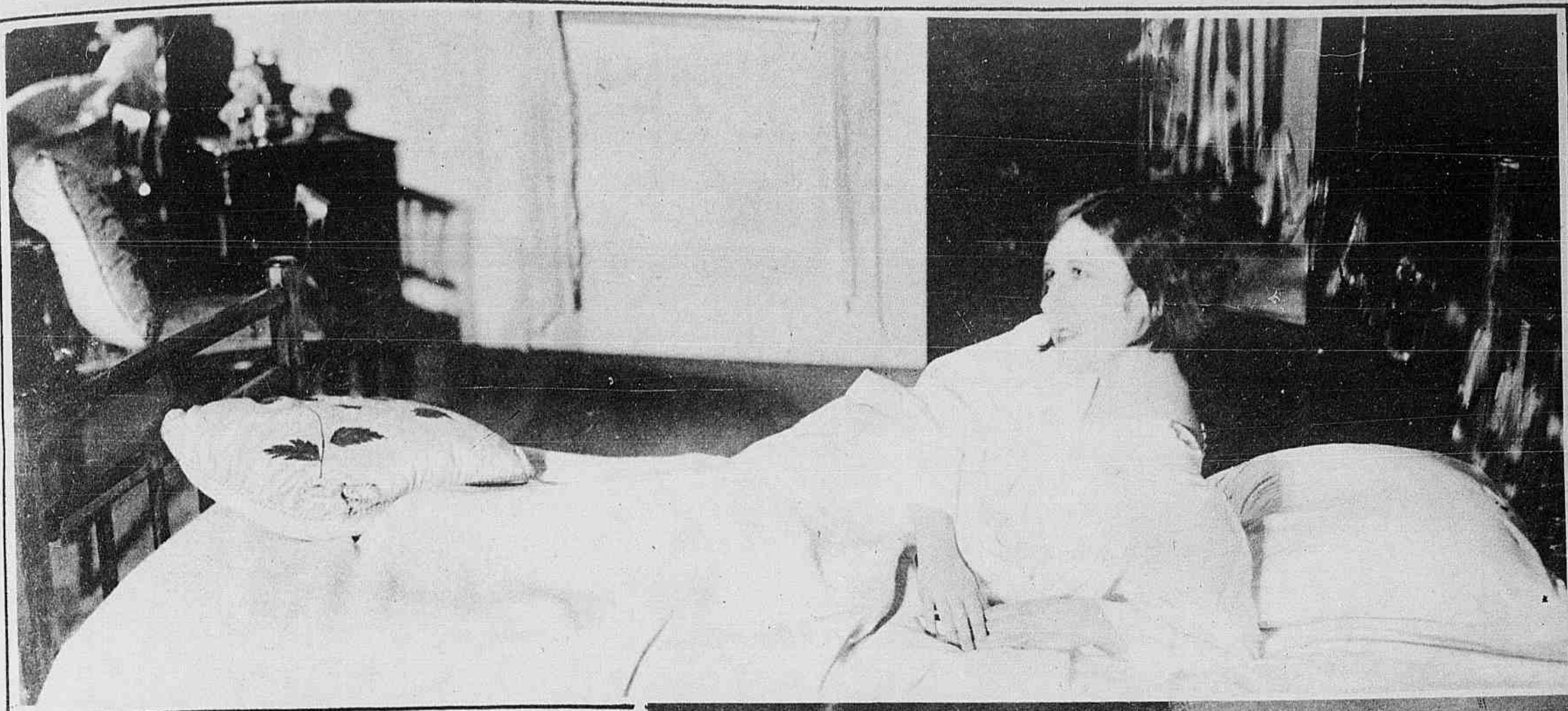
Augusto surprehende-se. Mas já comprehenderá a lentidão de Seribaté caipirinha e vagabunda...

A filha de Gennaro Gasparone é Luisa. A pequena que Roberto ama.

Mas Roberto a ama, mesmo? Ou pensa que ama as suas unhas compridas e brilhantes. Os seus vestidos collados ao corpo e mostrando toda a sua belleza de caipirinha apetitosa?...

E ella está lendo um romance quando ouve as palmas de Augusto.

— Esses caipiras...

Resmunga e continúa a ler.

Depois ouve mais palmas. Torna a resmungar. Mas Augusto já entrára. Não tivéra paciencia de esperar. E, no interior da sala, calmamente, abre a sua mala de mostras, espalha-as sobre a mesa e prepara-se para esperar a meia hora...

Luisa ergue-se. Vae á janella. Lá está a baratinha Crysler. Seus olhos chamejam.

— Automovel! E, rapida, atira os chinellos para um lado, o corpo para o outro. E, num

ARMAS!

instante já se acha toda coberta pelo vestido novo, todo vaporoso e lindo.

Abre-se a porta.

Augusto olha, raivoso e cansado. Mas ergue-se. Rapido e olhos fulgurantes.

— A menina... Não póde falar. Aquelles olhos. Aquelle vestido. Positivamente!!!

E começa a esquecer o negocio e lembrar passeios de automovel e beijinhos bem provaveis...

Luisa não vê Augusto. Vê a baratinha Crysler... Sonhase trajando pelles e sentada ao lado delle, de collarinho de eleição e rosa ao peito...

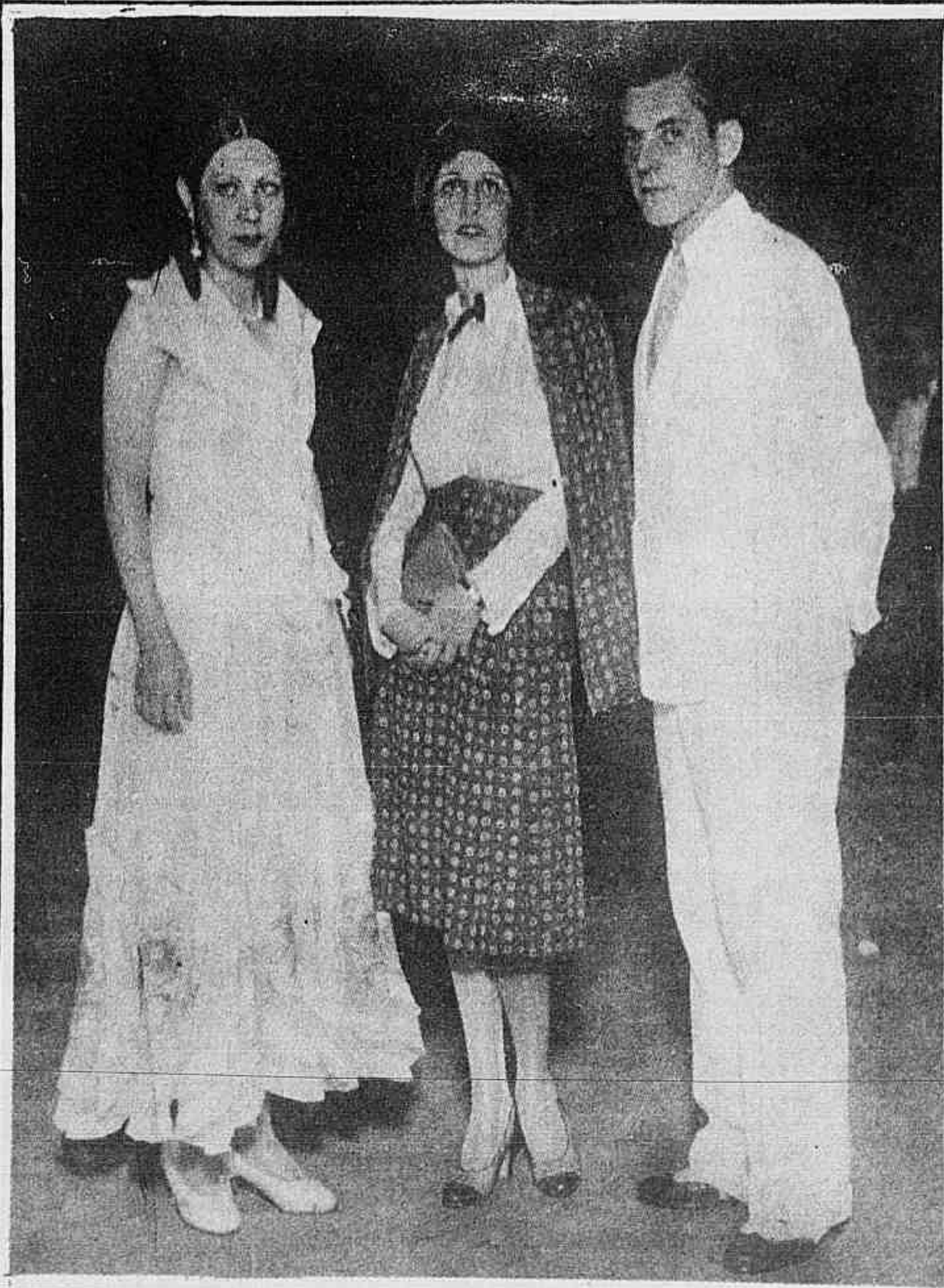
E Augusto vae tomando nota do pedido. E Augusto vae beijando a mão... E vae se chegando bem para perto della...

Depois elle se ergue. Já tem os pedidos que quiz. Convida-a para um passeio de automovel. Ella acquiesce. Elle, rapido, beija-a. E, sorridente, emquanto ella se refaz do susto, afasta-se...

Rosa tambem recebe Augusto. Porque seu pae tambem é honesto trabalhador e está immerso em renhida partida com o Coronel Noronha, pae de Roberto. Jogam malha.

(Termina no fim do numero)

Lelita Rosa e Paulo Morano em São Christovam

Festa em beneficio do Dispensario Antonio Padua de S. Christovão, realizada no club do mesmo nome, em que tomou parte o par amoroso de "Labios sem beijos". Aqui o vemos ao lado da directoria do Dispensario e outras pessoas. Ao lado de Amelia de Oliveira, tambem presente em homenagem ao seu desempenho nos antigos films brasileiros "Gigolette" e "Dever do amor". E Lelita Rosa com Sylvia Almeida Barbosa, "Miss São Christovão", o bairro cinematographico do Rio...

"MEU PRIMEIRO AMOR!"

Octavio Mendes contou a todos, ha uma quinzena, quem é Ruy Galvão e o que vae ser "O Meu Primeiro Amor". Mas Octavio tomou por thema aquella historia do enredo sentimental e apaixonado de um primeiro amor que perdura, fluctuando no ar, e com que a gente sonha, ao correr dos mezes, e com que o publico sonhará, ao sahir do Cinema, depois de uma apresentação que, tenho certeza, será um triumpho!

Octavio tinha uma razão. O Cinema de Ruy, o Cinema Brasileiro, profissional, filma um scenario, delineia uma ternura ao mesmo tempo ficticia mas real, apresenta um primeiro amor que não existe, mas que convence!

O Cinema de Amadores é mais propenso ao que existe. Sendo mais reduzido, é por isso mais intimo. E assim, no dia 26 de Abril, um sabbado cheio de sol, o Cinema de Amadores filmou uma outra scena de amor...

Quem não admira Ruy Galvão? O mais joven dos nossos directores é, no meu conceito, um dos mais firmes, perfeitos e bellos caracteres da nossa Cinematographia. Tem comprehensão do que é bello. Sabe escolher situações. Sabe imprimir a uma scena o cunho do que é seu. Sabe dizer onde se deve collocar o tripé de uma camara. E afóra isso, possue o que é mais raro e portanto mais apreciado nos dias de hoje: um espirito modesto.

Quem não admira Gloria Santos? A Glorinha, como elle a chama, é o typo que Octavio descreveu como a garota do "Meu Primeiro Amor". Interessante e meiga. Deante della, a gente quer ser uma especie de Ernani Augusto, e renunciar até a um posto no elenco do film que Ruy está fazendo.

Isso é, porém impossivel. Desde sabbado, Gloria Santos e Ruy Galvão são casados. E quem apreciar a modestia de um, tem que adorar a meiguice da outra.

O casamento, realizado no sabbado 26, ás 4 horas da tarde, foi effectuado na Igreja de Santo Antonio, sem pompas, sem apresentações. Em troca, que singeleza, que belleza, que attração naquella simplicidade dos noivos...

A's quatro horas em ponto, desci de um carro, á porta do templo, conduzindo uma Motocamera Pathé, varias lentes de approximação, e o indispensavel complemento, isto é, a camara photographica.

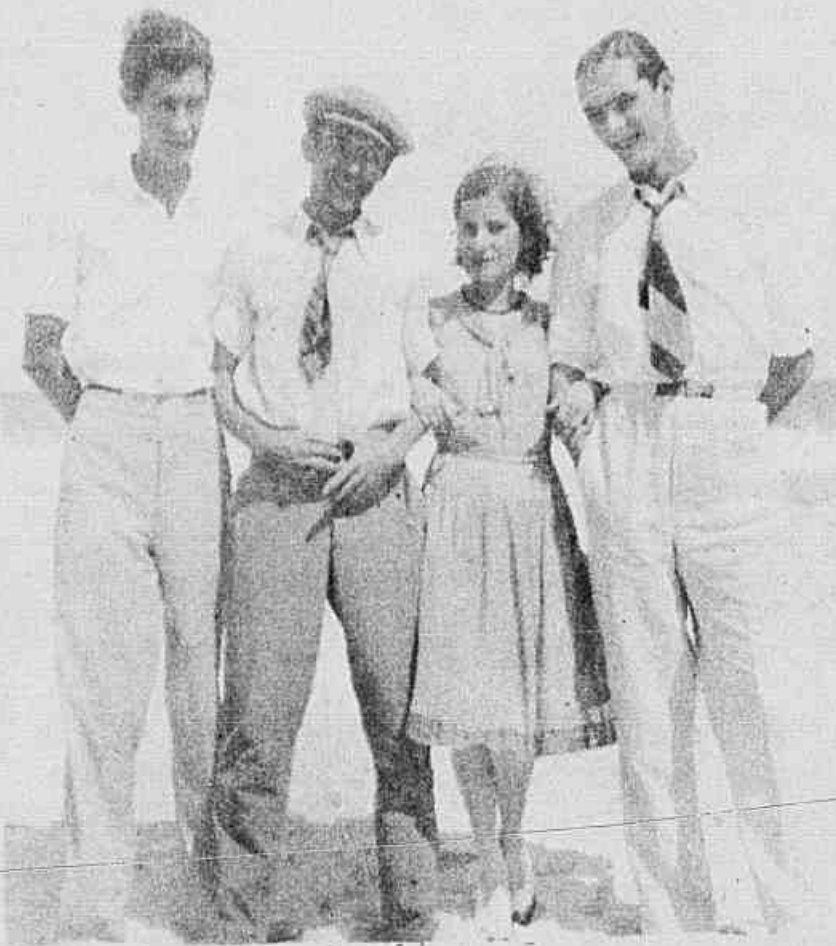
Logo á entrada, se me deparou a physionomia franca e alegre de Claudio Navarro, o rapaz brincalhão e estouvado... mas isso é na téla, porque na vida real o Claudio é um amigalhão! E um portento!

Mais adiante, achava-se Ernani Augusto. Tristonho e serio como sempre, pouco dado a conversas. Abracei-o. Sorriu, voltando logo áquella seriedade pensativa. Qual seria o thema dos seus sonhos? Indubitavelmente as sequencias finaes de um film em que elle renuncia ao amor de uma meiguice, pela felicidade de um irmão...

Depois o cameraman da companhia. Certo dia, ha dois mezes, Ruy havia falado nelle. Era tambem um sabbado. Tinha pedido que lhe fizesse uma visita. Compareci. E lá, Claudio, Ruy e eu, passámos perto de quatro horas a fio, em que Ruy nos expoz os seus projectos, hoje uma realidade. Uma realidade em dois mezes!

Outras pessoas estiveram presentes ao enlace.

Cinema DE AMADORES

(De SERGIO BARRETTO FILHO)

O casal Ruy Galvão e Gloria Santos entre Ernani Augusto e Claudio Navarro.

Adhemar Gonzaga e Alvaro Rocha, representando "Cinearte"... familia da noiva, a familia do noivo. E por fim, representando o Cinema de Amadores no Brasil, a "Société Anonyme Franco-Bresilienne du Pathé-Baby".

Claudio e Glorinha numa scena do film, "O meu primeiro amor"...

E'-me impossivel deixar de apontar aqui o cavalheirismo do Sr. R. Gandin, presidente da Casa Pathé. Quando a Pathé soube que no dia 26 o director de um film brasileiro ia casar-se com a propria estrella do film, encarregou o chefe dos Laboratorios Pathé de filmar toda a cerimonia.

Esse chefe dos laboratorios já foi apresentado aos amadores pela nossa secção e por mim mesmo. E' o Paschoal. Embora no dia 26 o nosso amigo tivesse já um compromisso, antes das 4 horas, lá se achava presente o Paschoal, com outra Motocamera ao lado, varios chassis, e uma objectiva Zeiss de primeira ordem.

Varias scenas e photographias foram apanhados. Alvaro Rocha *interpretou* o photographo amador... Os operadores amadores foram o Paschoal e aqui este amigo do Ruy Galvão...

Filmou-se: primeiro, a cerimonia integral do casamento religioso. A nave achava-se bem illuminada. O enlace poude portanto ser filmado pelo Paschoal, integralmente de uma janella que dava para um pateo, ao lado. Depois, a pedido do Gonzaga, filmaram-se outras scenas. O noivo. Os padrinhos. Os convidados. Um dos "cameramen" quiz tomar parte no scenario... Filmou-se um "motivo comico", inedito... Todos riram, inclusive os noivos... Filmaram-se varios primeiros planos.

Ao sahir, reconduzindo o Paschoal aos seus laboratorios, lembrei-me de agradecer a Monsieur Gandin a gentileza da Casa Pathé. Depois de revelado, cortado collado, e enrolado numa bobina de 100 metros, o film será offerecido ao Ruy Galvão.

Ruy terá o seu casamento, para mostrar a filhos e netos...

Ruy que tem demonstrado uma admiravel força de vontade e um grande amor, sincero, a sua esposa e ao Cinema Brasileiro...

Futuras estréas

THE ROYAL BOX (Warners) — Todo falado. O primeiro film todo falado em allemão! Alexander Moissi, celebre artista allemão, de palco, naturalmente, encarna o papel de Edmund Kean, o famoso tragico inglez. Camilla Horn, com excellente voz, é a pequena suave e meiga. A representação de Moissi é soffrivel. Mas a sua vociferação é simplesmente detestavel! Peor acho que só o Barrymore... Um colosso para quem entender allemão! E' melhor assistir uma droga qualquer allemã mesmo... Bryan Foy dirigiu.

PARTY GIRL (Tiffany) — Todo falado. Um themazinho bem chuca-chuca. Cousa commum e provando, pela decima millionezima vez que a honestidade nos negocios não se deve vender por ouro algum... Douglas Fairbanks Jr. e Jeannette Loff salvam as cousas com as suas bôas interpretações. Mas Marie Prevost, coitadinha, est tão vulgar...

THE RAMPANT AGE (Trem Carr) — Todo falado. Prova que ainda é bem capaz de existir uma ingenua nesta éra de jazz!!!! Você já viram que novidade? No emtanto, Merna Kennedy e Eddie Borden fazem do film um passatempo agradavel. Serve.

SO' QUERO A BILLIE DOVE...

BILLIE DOVE

BILLIE...

JEANETTE MAC DONALD
cinearte

DOROTHY
SEBASTIAN
cinearte

LUCILLE MILLER

Glorificando as pequenas de Hollywood...

ESTELLE ETERRE

ANN PENNINHA, NÃO. PENNINGTON.

JEANETTE LOFF ESTA' FAZENDO SUCCESSO...

JEAN DOUGLAS

bem. Warner Oland, o mesmo villão de fitas em série... Não percam.

SARAH AND SON (Paramount) — E' monotono e desnecessario estar repetindo, constantemente, em cada chronica, que Ruth Chatterton é admiravel. Mas neste papel, como Sarah Storn, Ruth Chatterton supplanta tudo quanto já fez e quanto talvez venha fazer. Está admiravel! E' interessante que em quanto se experimentam artistas de outros paizes em films inglezes approveitando os seus accentos expontaneos, Ruth, neste film, fala o tempo todo com um forte accento allemão e nem por isso deixa de fazel-o com rara perfeição... Ha uma scena de amor entre Ruth e Frederic March, sem beijo e sem "clinch", que é a coisa mais deliciosa e delicada que já vimos numa téla de Cinema. Philippe De Lacy, o garoto, admiravel. A direcção de Dorothy Arzner ultrapassa á todas as espectativas. Embora seja espectaculo para choradeiras constantes, é um espectaculo admiravel o que nos dá este film empolgante. E' ocioso recommendar.

FREE AND EASY (M. G. M.) — A primeira comedia falada de Buster Keaton. Comedia da melhor. Formidavel, mesmo, em certos trechos. Elle faz o empresario de um concurso de belleza que traz a sua bella victoriosa para trabalhar em Hollywood, no Cinema. As aventuras pelas quaes passam, são extraordinariamente engraçadas. Andando pelo Studios, vocês verão Lionel Barrymore, Cecil De Mille, Fred Niblo, e; ainda; innumeros artistas da Metro Goldwyn. Anita Page é a pequena e Robert Montgomery o galã romantico. Keaton, assim, mais uma vez victorioso e admiravel!

THE LIGHT OF THE WESTERN STARS (Paramount) — O que póde um bom elenco e uma bôa direcção fazer de um enredo banal de far-west. Já vimos isto com Jack Holt. E, antes, com Dustin Farnum. Agora chegou a vez de Richard Arlen. E elle vae admiravelmente bem. Elle, Mary Brian, Harry Green, Fred Kohler e Regis Toomeu, fazem do argumento de Zane Grey um excellente film. Vejam sem susto.

YOUNG EAGLES (Paramount) Uma tentativa

Evelyn Brent e Maurice Chevalier em "Paramount on Parade".

Ruth Chatterton e Frederick March em "Sarah and Son".

HAPPY DAYS (Fox) — A ultima das revistas Cinematographicas musicaes feitas pela Fox. A historia relata o acto de uma quantidade de celebridades de Cinema que auxiliam um pobre empresario a valorisar o seu espectaculo. E que auxilio! Com este pretexto inicia-se a revista... Victor Mc Laglen e Edmund Lowe cantam um dueto... Apparecem Janet Gaynor, Charles Farrell, Warner Baxter, El Brendel. Mais uma duzia de outros celebres e famosos. Marjorie White, de novo, melhor e mais sensacional do nunca! Dick Keene e Frank Albertson, como rivaes que a disputam. O numero Farrell-Gaynor é infeliz. Quanto são admiraveis no drama sentimental, são apenas soffriveis cantando canções melosas... Divertimento acceitavel. Foi um film mostrado no Roxy, de New York, em 3ª dimensão. O pessoal ficou de bocca aberta...

PARAMOUNT ON PARADE (Paramount) — A Paramount custou, mas tambem escorregou para a revista... Não ha historia. Ha sketches. Coloridos que enfeitam. Canções que deliciam. Comedia que diverte. Romance que enleva. Malicia que fére. Satira que alegra. E, em scena, belleza e pequenas que deixam a gente maluco... Maurice Chevalier, Ruth Chatterton, George Bancroft, Clara Bow... E' preciso continuar? Não! Estão todos os actores da Paramount! Jack Oackie, Skeets Gallagher e Leon Errol, são os mestres sem cerimonias... Chevalier é a sensação da revista. As principaes canções são: "Anytime's the time to fall in love". "Alla I want is this one girl" e "Sweeping the clouds away". Vejam. Isto, aliás, é superfluo recommendar. Porque revista assim, com estes nomes, quem é que perde?

THE VAGABOND KING (Paramount) A melhor opereta até hoje mostrada pelo Cinema. Já foi livro. Depois virou peça. Depois opereta. Depois fita. Agora, fita e opereta, ao mesmo tempo... William Farnum já foi François Villon. Lembram-se? Betsy Ross Clarke era a Katherine e John Barrymore já foi François Villon e Marcelline Day, Katherine, lembram-se? Agora é a vez de Dennis King ser o poeta e Jeanette Mac Donald a sua inspiradora princeza... E como elle o faz!

Deve-se ao genio de Ludvig Berger, o brilhante espectaculo que este film é. A movimentação de machina, pelos corredores do palacio, pelas salas, por tudo, é de tontear! Dennis King é uma figura sympathica e attrahente. Jeanette Mac Donald, a deliciosa Jeanette que já se viu em "Alvorada do Amor". O P. Heggie, como Luiz XI, o degenerado, vae admiravelmente. Lillian Roth, admiravel. Canta a valsa de Huguette, admiravelmente

FUTURAS

para reproduzir o successo de "Asas". Historia de aviação. Como o mercado allemão, agora, é importante, os norte-americanos deram para fazer film com allemães bons e heróes... O deste film, por exemplo, Paul Lukas, é, talvez, mais digno e heróe do que o proprio "mocinho" yankee... Jean Arthur e Stuart Erwin figuram.

GAY MADRID (M. G. M.) — As escolas na Hespanha, afinal, são tão farristas quanto as yankees. Ao menos é a impressão que nos dá este film. Só que os

estudantes duelas, entre si e tocam guitarras em vez de ukelele ou banjo... Ramon Novarro é um dos estudantes. Está simplesmente admiravel e canta divinamente bem. Dorothy Jordan é a heroina, mais uma vez. Vale a pena!

THE FIGHTING LEGION (Univesral) — Ken Maynard continúa aos pulos e aos beijos nas suas aventuras e cavalhadas. Diverte e alegra. Vale a pena! E elle é tão sympathico e canta tão bem...

THE GREEN GODDESS (Warner Bros.) — Esta historia o proprio George Arliss já filmou, ha annos, para a Cosmopolitan-Goldwyn. E teve a mesma Alice Joyce como heroina. Neste film, todo falado, H. G. Warner e Ralph Forbes completam o elenco. Esse seu George Arliss póde ser excellente artista de palco. Mas tenho para mim que só estragando lentes em Hollywood...

LET'S GO PLACES (Fox) — Comedia impagavel. Foi feito para fazer rir. A's vezes não faz. Mas ás vezes faz... Duas canções são a sensação do espectaculo.

LOOSE ANKLES (First National) Nunca pensei que se conseguisse fazer um film tão ruim assim! Louise Fazenda e Ethel Wales, como solteironas que passam uma noite num cabaret, salvam o film de ser a maior de todas as drogas. Loretta Young e Douglas Filho perdem um tempo precioso.

ON THE LEVEL (Fox) — Victor Mac Laglen num melodrama bem interessante. Elle se deixa cahir de amores pela perigosa e sensual Lilyan Tashman. Ella é de uma quadrilha perigosa de bandidos. Mas o Vic. salva tudo e aos seus amigos tambem,.. Interessante é que Lilyan é a esposa

Anita Page e Buster Keaton em "Free and Easy".

Jean Arthur e Charles Rogers em "Young Eagles".

ESTRÉAS

do seu eterno rival Edmund Lowe... Vale o dinheiro da entrada.

LOVIN THE LADIES (Radio) — Richard Dix e Lois Wilson, desde os tempos em que se falava do seu namoro, não apparecem juntos. A historia é perfeitamente tola. Mas ha trechos engraçados.

THE GOLDEN CALF (Fox) — Sue Carol é a secretaria de um artista. Depois ella se torna seu modelo. O que, sem duvida, sabendo-se que é Sue Carol o modelo, já basta para os "fans" corram ao Cinema... E ella, e as suas poses, são, mesmo, o unico interesse do film. El Brendel é o comico. Jack Mulhall o galã.

STRICTLY UNCONVENTIONAL (M. G. M.) — Lembram-se de "The Circle", com Eleanor Boardman? Pois esta versão é completamente differente! Lewis Stone e Ernest Torrence é que salvam o film de cahir para baixo do mediocre.

HE TRUMPED HER ACE (Sennett) — Comedia explorando os fanaticos do bridge. Marjorie Beebe e Johnny Burke os principaes. Vale a pena.

VENGUANCE (Columbia) — Uma Africa de Hollywood. Jack Holt o eterno sujeito direito e honesto. Dorothy Revier, a heroina admiravel. Philip Strange um villão. E a historia. Ha situações empolgantes e idyllios torridos. Serve.

BENSON MURDER CASE (Paramount) — William Powell é tão convincente como detective que a gente até já se sente perfeitamente garantido até quando se vê uma photographia delle... E' inutil haver um assassinato. A gente já sabe que Philo Vance entra com o joguinho e consegue logo ganhar a partida... Vá lá...

CHASING RAINBOWS (M. G. M.) — Uma das muitas copias em carbono de "Broadway Melody". Ha muito pouco interesse no film todo. Polly Moran e Marie Dressler é que salvam a situação. Charles King canta e Bessie Love fala.

MAMBA (Tiffany) — Estudo de caracter e melodrama intenso. Todo em technicolor. Tropas inglezas e allemães combatendo negros em revolta nas colonias africanas. Jean Hersholt admiravel como senhor brutal e violento.

Eleanor Boardman, muito bem.

Ralph Forbes, o typo do inglez, faz um allemão muito sem graça... Vejam.

A glorificação

Este film é a glorificação da "girl" norte-americana. Explora um ambiente de bastidores theatraes. Logicamente, portanto, Gloria Hughes nada mais devia sentir. Desde o berço que tem ambições de se tornar uma heroina da tão falada e já tão cacete Broadway...

E foi o que aconteceu. A loja do Heimer reune duas graças. Gloria e Barbara. Com Buddy, formam um trio de amisade certa.

Gloria canta as suas canções no departamento de musicas. Buddy, coitadinho, amava demais. E, emquanto sua vozinha se espalha pela sala, toda, é elle que, ao piano, sempre a acompanha e sempre novidades encontra na sua maneira tão suave e tão bonita de cantar...

Barbara, então, pobrezinha, soffre com isto. Na secção de vendas, não sabe o que se passa na secção de musicas. Mas tem um presentimento de que não conseguirá o affecto de Buddy, o seu verdadeiro e unico amor...

Ha um pic-nic. Um celebre pic-nic. Annual é o enlevo dos funccionarios da casa do Heimer.

Gloria e Buddy vão para o lago. E emquanto passeiam, Buddy declara-se. Beija-lhe a mão. Diz-lhe que a ama. Provavelmente cantando...

Ella replica que não é possivel. Porque o film precisa continuar e se elles se casarem, perderá o interesse. E que, ainda por cima, existe um bom numero de canções para ella cantar quando tiver conseguido dominar o theatro de Mr. Ziegfield...

Buddy concorda. E' um bom rapaz. Não quer prejudicar a carreira de ninguem. E, muito menos, o curso normal de um film...

O successo do pic-nic é o duo Miller e Mooney. Mas, em certa altura, zangam-se. Miller aprecia uma das dansas de Gloria e, vingando-se, convida-a para parceira. Ella immediatamente acceita e, juntos, vão para New York.

O Miller, é logico, não é o Buddy. Buddy respeitava a loirinha. Mas o Miller... Mas isto não vem ao caso. Porque, coitado, disse uma palavrinha assimzinha, vejam! E, o pobre, levou uma bofetada deste tamanho, escutem!

Elle a quer matar. (Não creiam nisso!) Mas ou lhe faltou a coragem ou o revolver. O certo é que elle sabe que ha um espião de Ziegfield apreciando o espectaculo. E que devem fazer o impossivel até para dominal-o com o numero que desempenham. Mas, aguia como um demonio, Miller, maneirosamente, convida Gloria a assignar um longo contracto com elle, ganhando mais um pou-

co. Porque elle sabe, perfeitamente, que é ella todo o successo do seu numero.

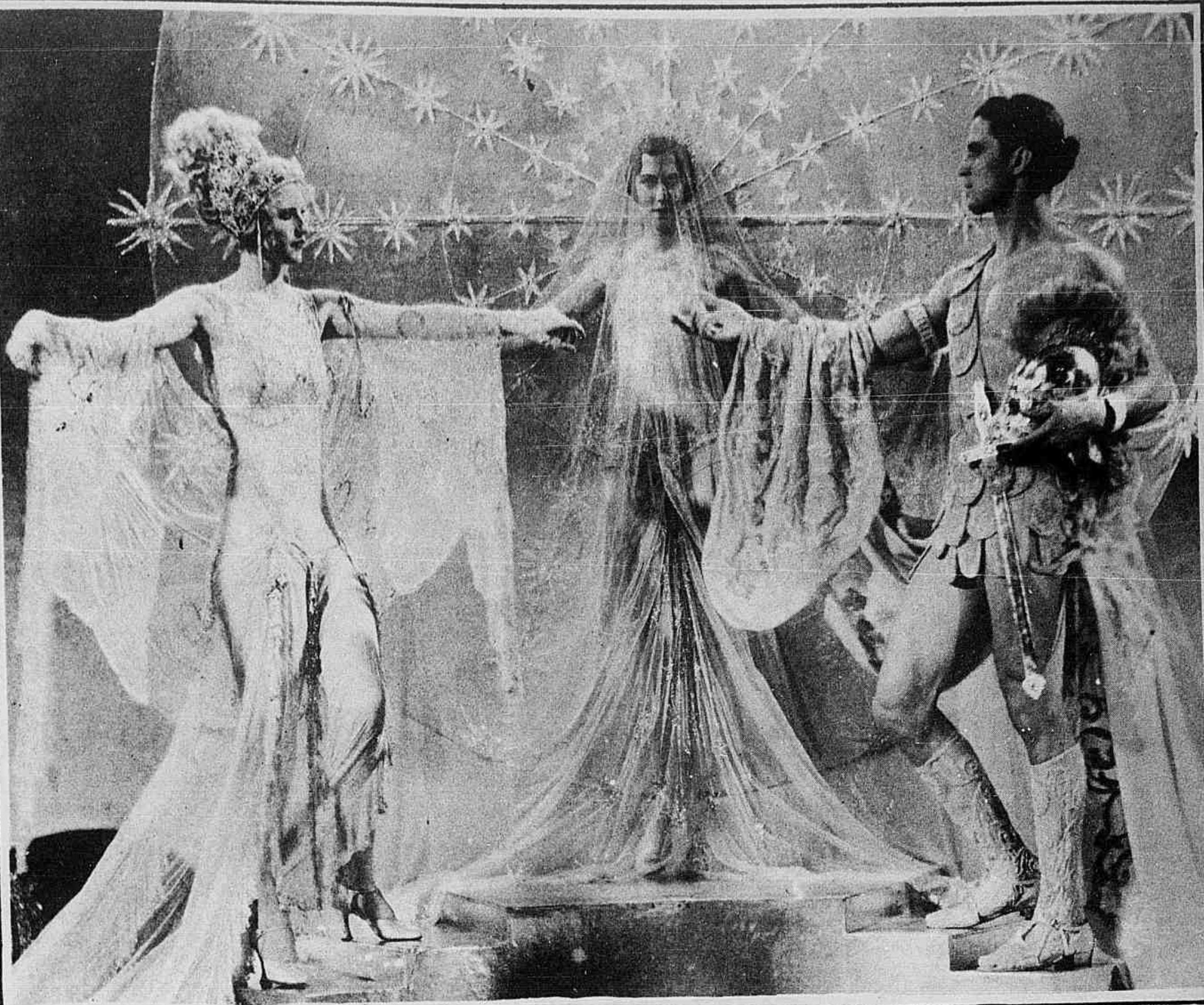
O enviado de Ziegfield desce os polegares ao fim do numero de Miller e Gloria...

Coitados... Que azar! Mas Gloria não desanima. Sabendo-o presente, procura-o e pede-lhe que lhe permitta uma exhibição especial e della sozinha. Consegue-a e está para ser contractada quando comprehende, atturdida, que está ligada á Miller por um contracto de parceria...

Barbara, coitadinha, feriu-se. Quando ia atravessar uma rua e impedir que Buddy seguisse Gloria a New York. Mas elle voltou. Voltou porque os medicos o chamaram. E, no Hospital, ao lado do leito de Barbara, elle comprehende, finalmente, que a ama. Beijam-se, com certeza. E, ainda, é bem provavel que cantem uma canção bem bonita...

Começa o celebre espectaculo de apresentação de Gloria. Miller entrára em accordo com Ziegfield. Começa o "show" com uma exhibição em technicolor de um quadro de dansas.

Depois, Rudy Vallée e sua orchestra deliciam e abatem toda a prevenção do publico.

Em seguida é Helen Morgan que canta. Brilhantemente. Admiravelmente! Depois...

Eddie Cantor! No seu famoso "Cheap Charlie"... E, depois, afinal, em côres admiraveis e em quadros soberbos, Gloria é apresentada ao publico. E, como dansarina, vence e domina o publico. Depois do seu successo, no seu camarim, recebe um telegramma de Barbara e Buddy que informam terem se casado...

da Belleza

(GLORIFYING THE AMERICAN GIRL)

Gloria comprehende só então que amava Buddy. Mas é preciso que, chorando, vá cantar o seu ultimo numero. Vae. Canta. Achata todos os Al Jolson e George Jessel e Helen Morgan e Irene Bordoni. Falos pedir sóda!

E afinal como já se tinham casado Buddy e Barbara, mesmo, cansados de esperar o fim da fita, Gloria é preciso que se conforme em ficar solteira e apenas ser a esposa da gloria...

Film da Paramount — Producção de 1930

MARY EATON .... *Gloria Hughes*
Edward Crandall .... *Buddy*
Olive Shea .... *Barbara*
Dan Healey .... *Miller*
Kaey Renards .... *Mooney*
Sarah Edwards .... *Mrs. Hughes*
Eddie Cantor — Helen Morgan — Rudy Vallée.
Director: — Millard Webb.

Detalhes intimos de

Charles Chaplin é doido por um guisado de meudos. Detesta o whiskey. Gosta de bons vinhos. Bebe cocktails quando acha que é occasião propicia. Elle mesmo nunca se excedia nas bebidas. Mas tinha visitas que se excediam... Depois da lei secca. Tudo que já foi dito tambem é verdade...

Além de miudos, aprecia elle, particularmente, guisados de cabrito. Já contei dois dos seus tres pratos favoritos. Não gosta de temperos. Molhos ou outros ingredientes taes. E pouco se lhe dá que seus pratos preferidos venham muito ou pouco temperados. A unica excepção é o "curry". Molho terrivel... E o quanto mais quente, melhor. E' o seu terceiro e ultimo prato predilecto...

Elle não se incommoda muito com comidas e nem com horarios de almoço ou jantar. Ha occasiões que passa 24 horas sem tomar alimento algum. E, no dia seguinte, toma 4 ou 5 refeições... Sempre inicia dietas rigosas. Mas nunca as leva avante. Lançou-se, certa vez, numa diéta de vegetaes por diversos dias.

— Vejam os animaes. Elles só se alimentam com vegetaes!

Disse elle.

— O elephante. O maior. O mais forte. Só se alimenta com vegetaes! Dá força!

Continuou.

Essa noite mesmo. Depois de todo esse ardor pelo alimento vegetal. Apossou-se e liquidou dois soberbos *beefsteaks*...

Ha occasiões em que seu cozinheiro leva quasi um dia preparando-lhe um jantar todo especial. Elle se approxima. Não lhe agrada o odor deste ou aquelle prato. Ergue-se. Deixa tudo e vae á um restaurante barato e serve-se de ovos com presunto...

PHOTOGRAPHIA QUE CHARLES CHAPLIN DEDICOU A ADHEMAR GONZAGA, DIRECTOR DE "CINEARTE", QUANDO EM HOLLYWOOD.

O seu restaurante predilecto é o Henry's. Que pertence, aliás, ao seu director assistente...

Quando alguma cousa lhe sabe ao paladar. Repete-a até que se satisfaça plenamente. A's vezes fica dias e dias doentissimo com aquillo.

Carlito teme as molestias. E' excessivamente sensivel. Resfriados, apanha-os frequentemente. Qualquer doençazinha que o incommode é o sufficiente para que chame os mais reputados medicos. Basta que veja uma pessôa indisposta para que se indisponha tambem e tambem se inutilize para o trabalho desse dia.

Elle nunca frequentou academias. Em casa, no emtanto, tem uma bibliotheca de 3 mil livros. Mas elle os lê. E' preciso que se note este detalhe... Elle, aliás, aprecia immenso a leitura. As biographias são a especie que prefere. Illustra-se immenso. Apesar de apreciar immenso a leitura da biblia, não tem religião alguma. Uma meia duzia de vezes, durante o anno, sente-se attrahido pela igreja. Entra na primeira que encontra. Pertença a que religião pertencer. Só as distingue pelo sacerdote. E ás vezes, mesmo, nem por elle...

Tem tres caprichos. A leitura é um delles. Os outros dois são passeios e o tennis. Joga tennis admiravelmente. Não encontra parceiros com facilidade. Porque, quando entra para uma quadra, só sáe depois de 5 ou 6 horas de jogo consecutivo... Quando não tem parceiro. Joga sozinho. Contra uma parede qualquer. A's vezes fica horas e horas jogando sózinho. Joga automaticamente. Não pensa no jogo. Emquanto maneja a raquete, pensa em outras cousas. Joga tanto com a esquerda como com a direita. O mesmo se dá quando escreve. Elle é naturalmente mas não exclusivamente canhôto. Tanto escreve com uma como com a outra mão. Mas costuma escrever muito pouco. Nestes ultimos dez annos não escreveu, pessoalmente, mais do que umas 12 cartas. Quando escreve, emprega, sempre, phrases curtas. De 5 ou 6 palavras, apenas.

Elle é rico. Bem rico. Mas poderia ganhar muito mais. Falta-lhe, para tanto, a ganancia de abusar dá sua capacidade em produzir obras primas. Elle só trabalha quando se sente disposto. E nem sempre elle se acha disposto. A's vezes elle leva mezes pagando os salarios de um Studio completo com companhias a postos para filmagem. Mas não se gira uma manivela. Mas, quando menos se espera, surgirá elle e, como um verdadeiro demente, mette-se em trabalhos durante dias a fio, sem descanço, exgotando os nervos de todos os que trabalham com elle e os seus proprios, tambem. Quando está cortando o seu film, occupa, ás vezes, 72 duas horas seguidas neste trabalho. Entra para a sala de córte absolutamente correcto. Barbeado. Limpo. Sáe immundo e barbado.

Os seus empregados, no Studio, nunca sabem quando é que um film está em producção. Até que Carlito chegue e os faça produzir. Passa dias sem apparecer. Quando apparece, ainda que a ninguem deva satisfações, trabalha como se fosse uma criança culpada e dá desculpas absurdas pelas suas ausencias... A's vezes, passando por um canto qualquer do Studio, encontra, atirada ao chão, uma colher. Chama o almoxarife e reclama, raivoso.

— Homem! Já lhe disse que tome tento! Veja que, assim, ainda acaba arruinando-me!

Carlito jura por qualquer cousa. Pouco se importa quem o ouça. Tem um dictaphone á beirada de sua cabeceira. Duas e tres vezes, durante a noite, pucha-o e dicta pensamentos á machina. Depois guarda-o e volta ao somno. No dia seguinte a sua secretaria copia aquillo e, muitas e muitas vezes elle chega a se espantar de alguma cousa que lê e que absolutamente não póde attribuir a elle. Quantas vezes, nesta maneira, não tem elle dictado idéas notaveis dos seus films. Outras vezes, tendo discutido, durante o dia, com alguem que lhe disse uma ou outra phrase que elle reputou ter ficado sem resposta adequada, desperta e dicta, furioso, a exacta resposta. Depois a secretaria copia a resposta e elle a atira á cesta do lixo.

Em vez de comprar musicas, compoem-nas. Elle já compoz mais de 20 musicas. De doidices de jazz a balladas e musicas visivelmente classicas. Jamais publicou uma das suas composições. Já escreveu mais de meia duzia para o seu recente film, "City Lights". Incluindo-se a canção thema.

Jamais teve uma licção de musica em toda a sua vida. Toca, no emtanto, muito bem, piano, orgão, violino, violoncello, concertina, saxophone, guitarra e ukulele. Tem um orgão em sua casa. Senta-se, ás vezes, e, por horas e horas fica improvisando e dando vasão ao seu espirito altamente sentimental e inspirado. E' canhôto quando toca violino ou violoncello. Vive só. Tem 6 empregados. As occupações femininas da casa, preenche-as elle. Não deixa que ninguem accenda um fogo. Quer das lareiras. Quer dos fogões. Nas lareiras só emprega carvão.

Gosta de deixar seu cabello crescer bastante. Devia, no emtanto, fazel-o cortar 4 vezes ao mez, ao menos. Era castanho escuro. Agora está bem encanecido. Mas, para os films, pinta-os de preto. Como tem cabellos que crescem com grande rapidez, tinge-os de 10 em 10 dias quando se acha produzindo um film. Fóra disse deixa-os como são.

Jamais deixou crescer a barba. Usou, ha muito tempo, bigode proprio. Foi uma occasião que passou férias com Douglas Fairbanks. Quando voltou, riram-se delle no Studio. Seus amigos e conhecidos. Elle se enfureceu. Raspou-o e nunca mais o deixou crescer.

Seu bigode postiço tem variado bastante. No princi-

Charles Chaplyn

cipio de sua carreira era grosso e ia de extremo a extremo dos seus labios. Agora são alguns fiapinhos, apenas, bem debaixo do seu nariz. Acabará desapparecendo, com certeza.

Detesta o "make up". E emprega o mais compacto que existe... Aos olhos, ninguem dirá que é o mesmo Carlito da téla aquelle que, horas antes, estava sem "make up".

Tem sido elle o director de todos os seus films.

Tem olhos azues. Quando elle se sente feliz, são de um azul pallido. Quando se enraivece ou se aborrece, tornam-se azues escuros. O iris dos seus olhos passam do azul pallido ao quasi preto. E isto em menos de meia hora!

Toma 4 banhos por dia. Quando se levanta. A' tarde. Antes do jantar. E antes de se deitar. Quando se está banhando. No banheiro ou ao chuveiro. Canta horrivelmente trechos de opera. Tem voz de baritono. Sabe as melodias mas desconhece as letras. Mas canta em francez, em italiano, em hespanhol, em allemão e até em japonez ou chinez... á sua moda! Não sabe uma palavra de lingua estranha. Mas diz o que imagina que ellas sejam...

Usa pyjamas folgados. Fecha-se exaggeradamente dentro do seu dormitorio. Fecha meticulosamente todas as portas e janellas do seu quarto.

Mesmo a do seu banheiro particular. Não as abre a menos que chegue o dia seguinte. A's vezes conserva as janellas totalmente abertas...

Pela manhã, Kono, seu criado japonez, traz-lhe dois jornaes da manhã e seu almoço. Não se levanta antes de almoçar, vagarosamente e ler meticulosamente os dois jornaes. Discute com hypotheticas creaturas certos factos dos jornaes e commenta-os ardorosamente. E, depois, aos seus amigos, diz cousas pesadas do editor que se excede neste ou naquelle assumpto que elle reputa mal descripto.

Tem mais de uma duzia de robes. Levanta-se sempre do mesmo lado quasi no mesmo logar, diariamente. Kono disso já sabe e, assim, deixa os chinellos justamente no logar onde seus pés vão cahir... Se ali não estão, certinhos, Carlito aborrece-se e reprehende o japonez que o serve admiravelmente, aliás...

Kono quasi sempre escolhe as roupas que elle vae usar. Mas nem sempre elle as usa. A's vezes toma-se de zelos innuteis e, limpando-as cuidadosamente, guarda-as e tira outras que reputa as que realmente quer... Gosta de ter suas roupas imprensadas e cuidadosamente arrumadas assim que as tira. Póde ser que as vá usar immediatamente, de novo. Mas quer todas imprensadas e devidamente guardadas. Cuida extremadamente de suas roupas. Mas ás vezes anda de barba crescida...

Passa, ás vezes, 5 dias sem se barbear. Não troca frequentemente os lenços. Detesta sapatos novos. Tem um par favorito. Já o usa ha 12 annos e ainda os aprecia cada vez mais...

Já tem sido concertado innumeras vezes. Mas continúa sendo até que elle diga "basta".

Usa grande quantidade de um perfume que lhe custa 40 dollares por 2 onças. Esparze-o pelo seu dormitorio. Só usa meias de seda preta. Preto e azul marinho são as suas cores predilectas.

Gosta immenso de falar. Principalmente quando está almoçando ou jantando. Não é commum mas é possivel que elle se sente, com amigos, num café para jantar ás seis. A' meia noite ainda se acha á mesa e manda que lhe preparem um segundo jantar. Gosta de commentar tudo. Mas detesta falar de si proprio. Bem por isso que não aprecia entrevistas e odeia commentarios a seu respeito...

Gosta demasiadamente de mulheres. Está perfeitamente bem quando se acha em companhia dellas. Mas teme-as regularmente... Teme desagradal-as. Muito embora ellas sempre se mostrem tão attrahidas por elle. Elle sempre se julgou admiravel julgador das mulheres mas sempre se enganou redondamente... Julga que póde analysar os seus principaes vicios e as suas principaes qualidades pelo contorno dos seus labios. Pelo formato dos seus ouvidos. Pelas suas narinas. E por outros caracteristicos faciaes. Mas critica, geralmente, a mulher que vê em companhia de outro homem. A que o accompanha, jamais merece um pequenino commentario, que seja.

E' rarissimo sahir em companhia de qualquer mulher pelas ruas. Só sáe com Georgia Hale. Elle tem a mania de se casar com ella.

São rarissimas as photographias que autographa com seu proprio punho. Sómente o faz para seus amigos intimos. Para os outros tem um carimbo já preparado e que serve para liquidar o tempo com mais rapidez e menos cerimonia... Gosta da solidão. Passeia, ás vezes, absolutamente só. Caminhará 15 milhas. Ahi apanha um phone e chama o seu automovel... A's vezes, no meio de uma conferencia, no Studio, pede licença e deixa todo mundo esperando. Só apparece, depois, no dia seguinte ou mais tarde ainda...

Ha outras occasiões, então, em que elle sáe do Studio. Anda meio caminho. Depois despacha o automovel e faz o resto a pé. Tem tres automoveis. Um roadster, uma limousine e um carro commum. Gosta de guial-os. Deixa o chauffeur invariavelmente no assento de traz.

Acha o golf absurdo. Porque não comprehende que se malhe uma bolinha e, depois, caminhando-se um colosso, torne-se a malhal-a enviando-a á outra bôa distancia e, de novo, indo ao seu encalço... Aos 17 annos, sem o menor preparo, entrou numa marathona de 26 milhas, na Inglaterra e chegou em segundo logar. Gosta de nadar e de jogar baseball. Mas acha o rugby simplesmente imbecil e estupido.

E' pugilista emerito. Ama o box immenso. E não é raro acertar o vencedor antes mesmo do "gong" soar.

Joga bridge admiravelmente. Mas sómente durante a primeira hora. Depois levanta-se e vae ver outra cousa... Não aprecia jogos mentaes mais do que 30 minutos... Não joga em corridas de cavallos. Em jogos de azar, sejam quaes forem. Mas aprecia immenso a bolsa de mercadorias... Compra discos em enorme quantidade. Tem, aliás, formidavel collecção. Mas compra-os no bazar mais humilde. Para que ninguem o importune e, assim, possa ouvil-os socegado, na loja, antes de os comprar e levar para casa.

Elle não comprehende porque é que o publico pensa que elle nasceu em Paris quando elle nasceu em Londres. Muito embora, durante 16 annos, tenha elle visitado Londres uma vez, apenas. Este anno elle fará uma visita a Londres.

Aprecia as viagens. Detesta voos. Foi um dos primeiros a voar, quando a aviação se achava ainda no berço. Não a acha ainda emancipada e, assim, não pretende realizar raid algum...

Durante a guerra quiz se alistar no exercito. Mas reputaram-no muito pequeno e muito magro. Mas elle serviu na divisão intellectual do exercito e auxiliou a venda de Liberty Bond. (Isto não quer dizer que elle vendia bonds... da Light, é logico!). Declara-se sinceramente norte-americano. Porque diz que tudo conseguio na terra de tio Sam. Politicamente falando, é ligeiramente socialista.

E' extremamente generoso com seus amigos. Até que elles o "tapeiem" em alguma cousa. Dahi para diante é extremamente avarento com os mesmos. O mesmo quanto a confidencias. Confia em qualquer um até o momento de uma indiscreção. Depois... Nada mais!

Jamais agrediu alguem physica ou moralmente. Quando elle reprimenda um infimo "extra" do seu "set", elle o faz particularmente. Elle e o "extra". Para que ninguem mais ouça. Jamais se deitou antes da meia noite.

Mas tambem não tem horas certas para dormir. A's vezes levanta-se bem cedo e, ás vezes, dia pela metade. Gosta muito de pilherias. Comtando que não magoem ninguem. Quando lê, usa oculos de aros de tartaruga. Não fuma. Fumava, ha um anno atraz, de 4 a 5 maços de cigarros por dia. De repente deixou de fumar e, actualmente, não fuma um que seja. Só fumava, antes, quando estava filmando. E fumava desesperadamente. Não usa joias. Nem mesmo relogio.

Tem 10 relogios. Não anda com dinheiro algum nos bolsos. Quando compra alguma cousa, pelo caminho, conhecem-no de sobra para mandar cobrar do seu secretario, em casa ou no escriptorio. O dono do seu café preferido, manda-lhe a conta no fim de cada mez. Não assigna cheques. Nem dá gorgetas ás empregadas. O dono do café tem ordem de dar as gorgetas e incluil-as na conta. Se precisa de dinheiro, precisa pedil-o emprestado. Seus amigos sabem disso e, por isso mesmo, sempre andam com dinheiro de sobra nos bolsos...

Quando elle se acha em companhia de alguem e entra numa loja para comprar qualquer roupa, compra-a em duplicata e sempre presenteia o amigo que o acompanha. Certa vez elle e um amigo foram a passeio para S. Francisco. Não levaram roupas para a noite. Lá, de repente, Chaplin resolveu ir á uma festa. Comprou roupas caras, para elle e seu amigo e isto posto que seu amigo não o acompanhasse...

Gosta de manteiga. Leite e café. Suspende ás vezes a filmagem para tomar uma chicara de chá... Tentou certa vez ingerir chukrut e não conseguiu nem engulir...

Quando elle discute a sua pessoa, no Cinema, nunca diz "Eu". Diz sempre, "Elle". Como se o Carlito, das fitas, fosse outro, absolutamente diverso delle proprio. Certa vez, fazendo jus á sua mania de discutir e se esquecer de si proprio, estava zangadissimo com um amigo seu, que entrara pelo seu quarto quando elle se vestia e, semi-nú, dizia-lhe que aquillo não se fazia. Sem se lembrar, com certeza, da fórma em que se achava naquelle instante...

Gosta de dansar. A sua dansa predilecta é o tango. Detesta recepções sociaes até se achar nellas. Porque, depois, envolve-se nella, e, tomando conta de tudo e todos, passa a apreciar-a immensamente... Dá sempre festas. Mas cada vez jura que não dará outra e continúa dando festas que são as melhores que se dão em Hollywood.

Adora discussões. Detesta as pessoas que concordam incondicionalmente com elle. E joga armadilhas para ver se estão concordando com elle por servilidade ou por senso. Se estão sendo servis, são incontinentemente despedidas.

Não gosta de "cousas da moda". Tinha um papagaio. Quando soube que "papagaio" era moda, mandou-o ás favas. Não tem cães. Mas se tivesse, seria um e da raça a mais pura.

(*Termina no fim do numero*)

(MARIANNE)

FILM DA M. G. M.

Marianne

Marianne	*Marion Davies*
Stagg	*Oscar Shaw*
André	*Robert Castle*
Scappy	*Robert Ames*
Tenente Frane	*Scott Kolk*
Pére Joseph	*Emil Chautard*
O General	*Mack Swain*
O Major	*Oscar Apfel.*

(L. L. Carlos viu e escreveu especialmente para CINEARTE)

Agosto de 1914. Guerra! Parece que o Inferno sopra sobre a terra com o seu halito candente. Minha pequenina aldeia está devastada e vasia. Foram-se todos os homens, marchando heroicamente para a morte ou para a gloria. André foi com elles. Trago ainda impressos em mim os beijos da sua despedida. Pediu-me elle, baixinho, que esperasse pela sua volta para realizarmos, então, o nosso sonho de felicidade. Prometti rezar por elle. E é o que faço todas as noites ao deitar-me, pedindo a Deus que o devolva ao meu amor. Como a vida está triste e vasia, agora! Sem o meu noivo, nada me sorri. E depois, a desolação que reina aldeia... Tantas lagrimas, tanta saudade..

"Liberté, liberté chérie,
Combats avec tes défenseurs..."!

Março de 1915. Tenho recebido sempre noticias de André. Creio que não poderei nunca amar outro homem. Elle é bello, nobre e bom. Nenhum homem conheço que o supére ou eguale.

Continúa a grande fornalha accêsa...

"Aux armes, citoyens!...
Formez vos bataillons!..."

Outubro de 1916. Raras noticias de André. Continúo a viver a minha vida de sempre, resignadamente á espera dos resultados da grande catastrophe. Recolhi em minha casa quatro lindos orphãosinhos que me cercam de ternura e suavidade. Sou a Mamãesinha delles todos. Uma grande fraternidade existe agora entre as mulheres, as creanças e os invalidos que ficaram na aldeia. O soffrimento eguala e fraterniza todos.

Abril de 1917. Quasi não recebo noticias de André. A aldeia tem perdido um grande numero de seus habitantes...

---

14 de Novembro de 1918. No dia 11 deste mez, foi assignado o Armisticio! Não sei como agradecer ao Senhor! Nunca mais tive noticias de André. Continúo, entretanto, a esperal-o. Os soldados estão voltando, ansiosos e cansados. Acampou aqui, na minha tranquilla aldeiazinha, um alegre batalhão de rapazes americanos.

---

15 de Novembro de 1918. Os valentes "boys" americanos que aqui acamparam, andam esfomea-

dos Hontem tentaram pegar o meu leitãozinho Anatole para comer. Defendi-o, porém, energicamente, e, desse modo, travei conhecimento com elles. Estão acampados ao lado da minha casa. São uns rapazes moços, sympathicos e decididos. Já conheço alguns delles: Stagg, Scappy etc. Ha um tenente Frane, um impertinente. Não fosse elle tenente...

17 de Novembro de 1918. Stagg é o melhor delles. E mais sympathico. Todos elles vivem a mexer commigo e eu acho graça no geito engraçado que elles têm de dizer "Marianne" carregando no "r", com aquelle sotaque dos americanos, tão interessante! Gostaria que André dissésse o meu nome assim...

A aldeia agora está movimentada e alegre. Muitos dos nossos homens têm voltado. Mas... nada de André.

19 de Novembro de 1918. Estou furiosa! Indignada! O tal Stagg pregou-me uma!... Elles estavam com fome. Como sempre. Eu, sempre que posso, dou-lhes o que comer. Mas hoje, o tenente Frane veiu encommendar-me um almoço supimpa para o General, o Major, os Tenentes e outros graduados aqui presentes. O pessoal miudo, Stagg, Scappy, etc., ficariam chuchando no dedo... Obrigada por contingencias tão extraordinarias, assassinei Anatole, coadjuvada no crime pelos quatro orphãozinhos que me enfeitam a vida. Preparei, embora sob uma chuva de lagrimas authenticas e sincerissimas, o meu querido Anatole para a barriga daquelles cavalheiros... O General lambia os beiços, quando foi partir o leitão. Guloso, esfaimado, fincava o garfo na carne macia que, entretanto, se recusava a partir. Eu chorava. Virava as costas para não ver. Atiçado ainda mais pela resistencia que Anatole offerecia, o General enterrou, devéras, a faca na carne lustroza e luzidia do meu defunto amigo. Mas... que extraordinaria surpresa! O leitão abriu-se com formidavel estrondo, salpicando do molho que lhe estava em cima a cara transtornada do General. Era um leitãozinho desses de ar, um brinquedo de um dos meus orphãozinhos, que, não sei como, viéra parar á mesa no logar do meu Anatole que eu mesma preparára, embora entregue ao mais negro e cruel dos remorsos. O General levantou-se indignado, seguido de todos os seus officiaes.

Antes, porém, de se retirar, furioso, o eminente personagem exprobou, em amargas palavras, este acontecimento ao pobre tenente Frane que parecia tão surpreso quanto eu. Estava tudo perdido. O almoço inutilizado. O General indignado. Corri á cosinha, em busca de possivel explicação para tão impossivel milagre. Lá estava Stagg. Trazia na mão uma coisa que, á primeira vista, eu não pude perceber bem.

— Perdôa-me, Marianne, — disse-me elle.

— A fome dos meus companheiros era tanta! Aquelle General tão antipathico! Ainda consegui salvar. porém, do teu Anatole, apenas o "chassis"...

Desatinada, puz-me a chorar. E o tenente Frane comprehendeu tudo. Stagg substituira o leitão de carne pelo leitão de ar. Pois bem! seria devidamente castigado! E, indignado, sahiu, levando os francos que me déra para o almoço e que eu, num exaggero de escrupulos, de que agora me arrependo amargamente, lhe restituira, embora com esperanças de que não aceitasse... Ahi está! Este Stagg é insupportavel, insurpportavel! Mas, tambem, coitados, elles tinham fome...

21 de Novembro de 1918. Pobre Stagg! O General foi inexoravel. Prendeu-o. Eu, quando soube da historia não hesitei. Enverguei uma farda de um soldado recem-chegado aqui, puz uns colossaes bigodes postiços e fui procurar o General. Para conseguir encontral-o, cortei uma volta... Ao vel-o, dei-me a conhecer. Sua colera se foi abrandando, á medida que os meus sorrisos iam redobrando de ternura... Acabou mesmo por me chamar,

poeticamente de "my beloved" e a conceder-me, adeantadamente, tudo o què eu solicitasse... Custei um pouco, mas consegui a liberdade de Stagg. Supportei ainda, com heroica paciencia, outras palavras certamente aprendidas no "dicionario dos amantes americanos", e que, graças a Deus, não comprehendi. Tambem, foram só palavras... Ufa!

30 de Novembro de 1918. Stagg é encantador. Ensino-lhe algumas palavras do francez. Mas elle só quer apprender a dizer "je t'aime"... As palavras tomam um ar muito interessante ditas pela sua bocca... Para quem quererá elle dizer "je t'aime"? Alguma americanasinha da California? Elle é simples. Bom. Engraçado. Carinhoso. *Y otras cositas mas...*

(*Termina no fim do numero*)

BRAZA ACORDADA — (Rio Grande do Norte) — 1°) Sete. 2°) Seis. Sempre ás ordens.

LOU MELLO — (Natal) — Ellas irão para ahi, sim! Demora mas elles respondem. Elle virá. Mas ainda demora um pouco.

LILLIAN ROTH — (Tyrol — Rio Grande do Norte) — 1° — Prisioneiro de Zenda. 2° — Está fóra de circulação, presentemente. 3° — Sempre ás ordens.

EDISON VARELLA — (Natal) — 1° — Continua com a United. 1041, Formosa Avenue, Hollywood. California. 2° — Idem. Carmen Santos voltará, sim.

ANTONIO — (Natal) — 1° — Mande um. O plural é para o caso de ter duas, é logico. 2° — Jurubahyba é uma ilha da Guanabara. 3° — Ainda não. 4° — Provavelmente em S. Paulo. 5° — Já attendi o seu pedido...

HYPOLITO CAMARA — (Victoria) — Só cinco, senhor Hypolito... 1° — Paramount Famous Lasky Studios, Hollywood, California 2° — United Artists Studios, 1041, Formosa Avenus, Hollywood, California. 3° — Fox Studios, 1401, Western Avenus, Hollywood, California. 4° — Universal Studios, Universal City, California. 5° — First National Studios, Burbank, California.

Marguerite Andrus, Rosalie Martin, Lucille Miller, Louise Pimm, Gay Sheridan and Prudence Sutton em "Paramount in Parade"

Pergunte-me Outra ...

MORENINHA PARAENSE — (Belem) — Venha, Moreninha! Pode escrever que elles respondem, sim. A's vezes demora. Mas vem! Mande para Cinearte Studio, Rua Abilio, 16, Rio de Janeiro. Tamar, voltou para o theatro. "Saudade" não continuará.

M. F. SILVA — (Curvello) — 1° — Não. 2° — Ficou, por motivos imperiosos e desculpaveis. 3° — Fox Studios, 1401, Western Avenus, Hollywood, 4° — Ainda não se sabe. Mas é provavel que seja um film de epoca, tambem. 5° — Assim serão todos os outros films Brasileiros daqui para diante.

FRANCESCO CARAVOGLIA — (S. Paulo) — Recebi e archivei. Agora é aguardar a sua opportunidade.

GRETA GARBO — (Passa Quatro) — Zangadinho? Porque, Gretinha Garbo?... Não sou mauzinho, não! Ao contrario... Se quizer mandar, mande. Eu entregarei e intercederei... Agradeço os beijos e retribuo-os...

ROTIEH — (Bello Horizonte) — 1° — Mas elles respondem, sim! Ha demora, ás vezes. Mas a resposta, embora tarde, vem. 2° — E' um facto. Mas este caso ainda será melhor ventilado. 3° — Pelo programma E. D. C.. E' provavel que assistam, sim. Este assumpto já está sendo muito tratado.

HENRIKAS BALSEVICUS — (São Paulo) — A carta deve ser dirigida á mim. Mande suas photographias e aguarde opportunidade.

RAMONA — (Rio) — Vou bem, obrigado. E você, Ramoninha? Nem a mim. Eu não tenho medo de uruca... Que pena! Mas já sarou, não é? Gostei muito do seu commentario sobre "Sangue Mineiro". São muito bôas as suas observações. Continue sempre, Ramona, que só me dá prazer.

LAWRENCE GRAY — (Rio) — 1° — Alibi — 2° — Fast Life. 3° — Womantrap. 4° — Case of Sergeant Grischa. 5° — Divorcee.

Só cinco, seu Laerence...

MATHEMATICO — (S. Paulo) — Suas mathematicas são absolutamente certas e eu me sinto satisfeito em ter mais um amigo na sua pessoa. Aquillo ou foi erro da impressão ou erro de "bôa vontade"... Qual! Ainda é pouco... Ganham. Mas tanto assim, ainda não! Mas você mande as suas photos e veremos... Escreva-lhes para Cinearte Studio, rua Abilio, 16, Rio de Janeiro. Tamar está no theatro... A photographia foi entregue. Mas aqui ninguem é bairrista, creia. Eu, pelo menos, quero o Brasil formidavel! E acho que tudo que o embelleza, seja em Pernambuco ou Rio Grande do Sul, só me dá orgulho.

MAURO MANTEL — (Campinas) — Recebi. Foram archivadas. Agora é preciso aguardar opportunidade.

O escoteiro andarilho Augusto Flores, visita Vicente Padula no Studio da Paramount. Padula é argentino e teve saliente desempenho em "Fome"

MIROELI SILVEIRA — (Santos) — Desculpo e estou aqui firme. Venha lá! — 1° — "Beauty Shopers". 2° — Olga Baclanova. 3° — "The Diamond Man". 4° — "The Perfect Crime". 5° — Polly Walker. Ia, sim, mas agora... Didi vae bem, obrigado! Você ainda vae ter muita surpresa com a minha afilhadinha... Não dou não, seu Silveira! "Tá hi"!...

LEILA — (Rio) — A correspondencia para mim, toda para esta redacção. E, saiba, todas as cartas que têm vindo para mim com endereço do Studio, estão sendo innutilisadas.

ADA NEGRI — (Nictheroy) — Praça Carlos Gomes, 16-A., S. Paulo.

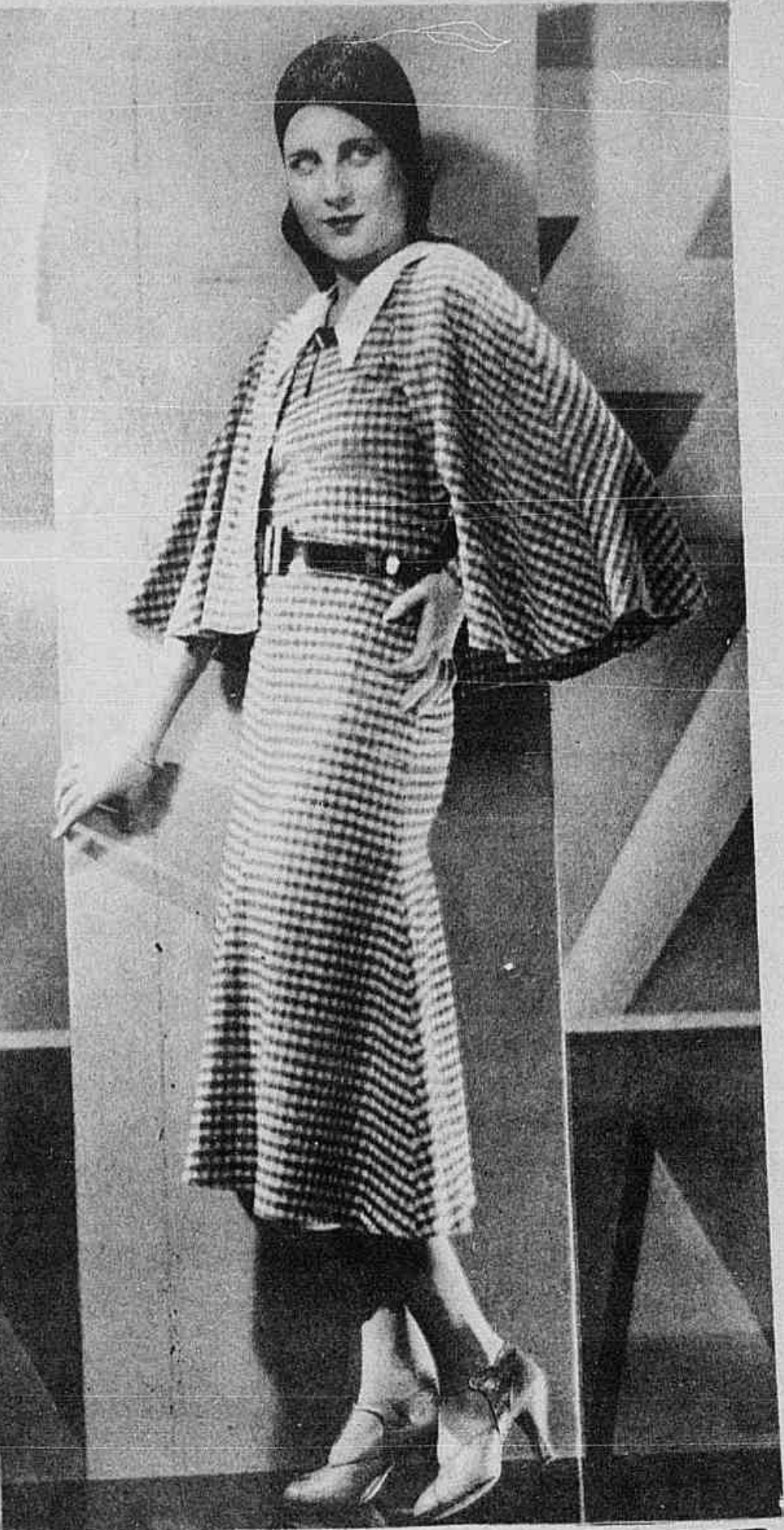
RACHEL — (S. Paulo) — Mas porque? Não comprehende que é questão de adaptação ao papel? Absolutamente! Esteja certa de que ainda ha de ter muita satisfação. Eu nunca me esqueço das minhas boas leitoras e amiguinhas! Recebi e agradeço muito. Tenha um boccadinho mais de paciencia e verá...

MARQUEZITA — (Petropolis) — A sua carta foi-me entregue. Não sabe que esta secção é o Operador que faz? Elle não está mais zangado, não. Eu já o consultei... Mas elles respondem, como não! Eu não creio na sua feiura tão annunciada... Enganadora! Aqui vão os endereços; Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, California. First National Studios, Burbank, California. Radio Pictures Studios, 780 Gower Street, Hollywood, California. Elle deixou o Cinema. Naturalmente por isso é que não mandou o que lhe pediu. Foi entregue o verso que você escreveu e lhe mandou...

LINDO — (Porto Alegre) — Apreciei as suas informações e as suas opiniões. Continue, Lindo.

EURICO VILLELA — (Uberabinha) — E' escrever as que aprecia para Cinearte Studio, rua Abilio ,16, Rio de Janeiro.

GONZAGA GOMES DE ASSIS — (Raul Soares) — Recebi. Muito obrigado.

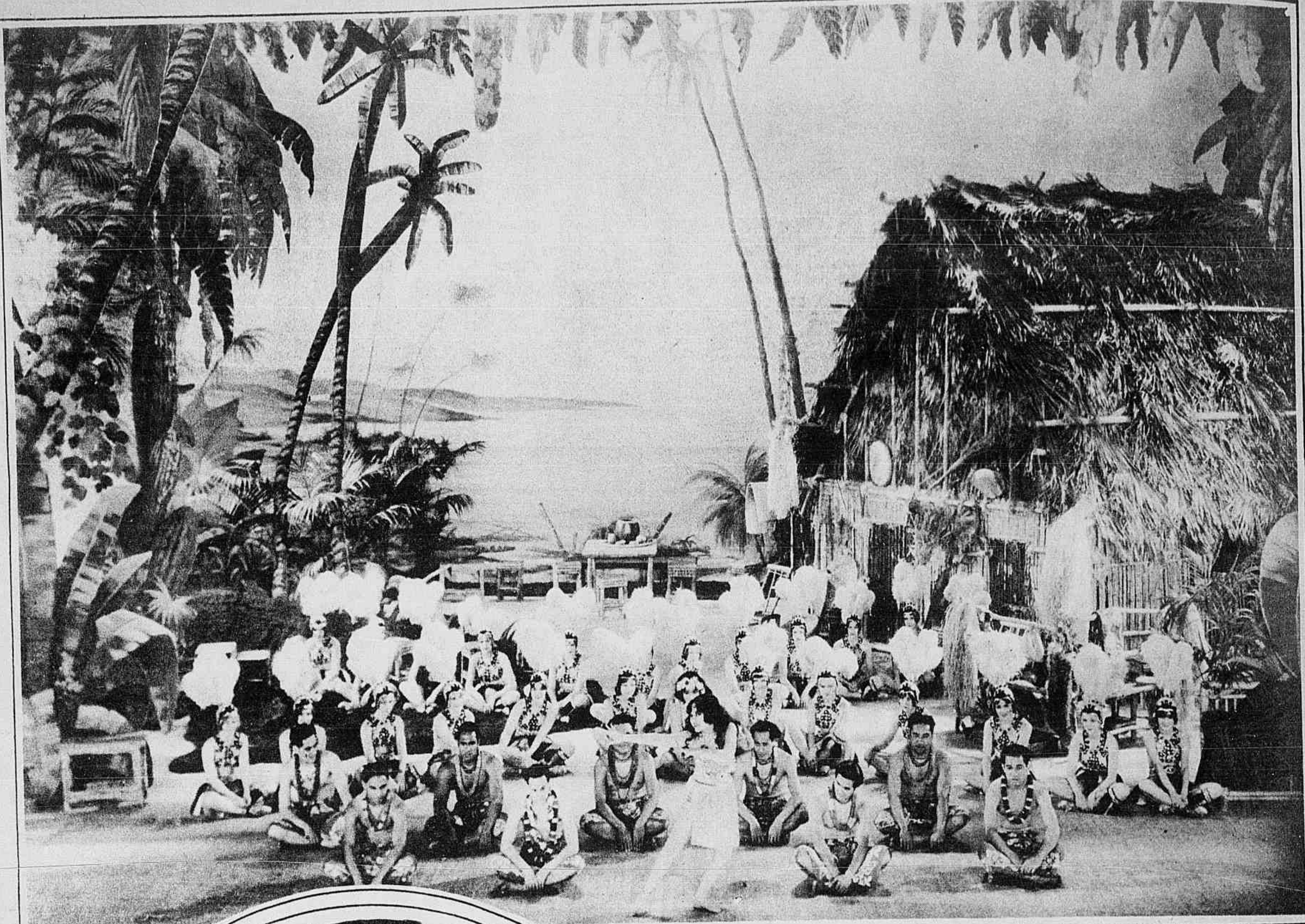
A MODA EM HOLLY-WOOD.

JEANETTE LOFF

NÃO GOSTO DOS SEUS VESTIDOS, NÃO. EU GOSTO E' DE VOCE!

Tudo

(IS EVERYBODY HAPPY?)

FILM DA WARNER BROTHERS

Com TED LEWIS, ANNA PENNINGTON, ALICE DAY, LAWRECE GRANT JULIA SWAYNE GORDON E PURNELL B. PRATT.

Gloria!... Miragem de todos, desde os que por serem muito maus nem tem direito á vida até aos que mais a merecem pelas scintillações da intelligencia!... E em busca desse manancial de felicidade, aquelle rapaz de olhos tristes com todo o poema da sua Hungria sonhadora nos olhos, atravessava o oceano demandando as terras encantadas da America, com o seu velho pae, sua velha mãe e a reliquia preciosa daquelle violino de valor!... Ia tentar-lhe o sorriso mais para alegrar a velhice daquelles bons companheiros, que para serem muito bons de mais até se esqueciam que eram pae e mãe, na esperança de garantir-lhes um futuro risonho, de bonança e de paz. Mas mal sabia elle que tinha no pae, no seu grande amigo, o seu maior i n i m i g o nessa caminhada e o mais ferrenho adversario nessa luta que ia emprehender contra a Sorte! E isso porque o velho, alma lyrica de artista de raça, affeito ao sentimentalismo e á meiguice daquella musica de outrora não se podia conformar com os desiquilibrios, os esgares, as convulsões e os gritos do jazz, a musica triumphante, que depois de ter enlouquecido toda a America, onde nascera, começava a enlouquecer todo o mundo, até onde chegara. Já á bordo horas antes do navio atracar, TED e o pae soffreram o primeiro revez: TED tocava ao violino — naquelle violino presente do Imperador da Austria — uma aria melodiosa quando as notas descompassadas do Jazz invadiram o ambiente. E dominados, sob a fascinação electrisante, todos aquelles que o escutavam, voltaram-lhe as costas, para melhor ouvir o Jazz...

—oOo—

Dias de amargura, de lagrima e de desespero. Desillusões, promessas. E todo dia aquella mesma palavra a repetir-se em todas as boccas como a prolongar uma ameaça eterna: não... Mas um dia TED encaminhou seus passos para uma agencia theatral de nomeada, cujo director era tido como homem de bom coração. Desabafou-lhe todo o seu martyrio. E pediu-lhe protecção. O homem, endureçido no *metier* de se debruçar sobre tantas almas paradoxaes, apiedou-se delle. E deu-lhe mais que um emprego, mais que uma mancheia de dinheiro: um conselho. — Largue, esse violino, rapaz. Largue-o e aprenda saxophone o instrumento da epoca. Pegue um saxophone que você triumphará! Aquelle conselho que era tão

pelo JAZZ

somente uma a d v ertencia l h e pareceu uma afronta. TED revoltou-se, mas a consciencia gritou mais alto que a alma do artista humilhado. E certo de que o seu violino lhe era inutil e certo ainda que a miseria se lhe avizinhava da casa, já tão pobre, correu a uma casa de musica e ahi trocou aquelle seu instrumetno querido pelo maldito saxophone que era, afinal, a felicidade!...

—oOo—

Em pouco tempo TED fez estudos no novo instrumento. E isso nos bancos dos jardins, nas zonas despovoadas da cidade, perdido onde não encontrasse conhecidos e até onde a curiosidade tão afflicta dos seus paes não o descobrissem... E foi nesses "treinnings" para sacrificio dos ouvidos alheios que elle encontrou uma companheira de viagem, a linda ABIGAIL que se promptificou a ajudal-o com toda a sua bôa vontade. Mas para ir conciliando as necessidades da vida com as do caracter do pae, TED se obrigava a sacrificios e a cuidados e x tremos, chegando ao ponto de mentir-lhe, dizendo que em breve estrearia na orchestra symphonica do mais importante theatro da grande capital. De facto elle só enganou o pae no nome do theatro, porque nessa mesmo noite elle estreava como director de... Jazz, de um cabaret hungaro afamadissimo.

Sacrificando as economias de quasi um anno os velhinhos correram ao theatro para assistir ao successo do filho. Mal o panno subiu elles se convenciam, entretanto, que TED lhes mentira. E deixaram a *torrinha* onde se haviam installado, caminhando, de volta para casa, indignados com a mentira de TED... Passando pelo *cabaret* hungaro a velhinha convidou o velho para matar um pouco as saudades da terra distante, ouvindo aquella deliciosa musica que lhes era tão familiar. E entraram para colherem a mais forte, a mais desoladora e a mais brutal de todas as surpresas: TED, em pleno delirio do jazz, a cartola na cabeça, em passos desengonçados, dirigindo toda uma orchestra infernal! Cheio de colera, sentindo-se ferido no que mais prezava, vendo desmoronar todos os castellos doirados da sua maior illusão, o velho partiu ao encontro do filho, amaldiçoando-o e exigindo-lhe não mais lhe apparecesse ante os olhos!...

—oOo—

Ante o dilema que o Destino lhe abria aos passos elle nem siquer vacillava: entre abandonar o jazz e sem elle viver na miseria com os velhos queridos e abraçal-o para enriquecer — preferia ficar com a musica que por attração inexplicavel agora o fascinava. E de facto o jazz dirigido por TED tinha qualquer cousa de extraordinario e de differente porque em meio daquelle barulho todo deixava transparecer todo um immenso sentimento! Essa a razão porque, de etapa em etapa, elle attin-

(Termina no fim do numero

FILM DA M. G. M.

RAMON NOVARRO . . . . Armand
Dorothy Jordan . . . . Leonie
Marion Harris . . . . Louise
John Miljean . . . . Degrignon
William Humphreys . . . . Napoleon
George Davis . . . . Groom
Clifford Bruce . . . . Gaston

Director: — Sidney A. Franklin

— Qual é a sua ultima vontade?

O prisioneiro sorriu. Ironico. Caprichoso. Elegante. Até naquelle momento de nervos tensos.

— Peça. Qual a sua ultima vontade!

Tornou a sorrir.

Era Armand de Treville.

Achava-se no pateo da prisão de Brienne. Tinha, diante de si, apontadas, diversas espingardas. Mas sorria. Continuava sorrindo.

Aquelle mesmo sorriso que Napoleão, o Grande, sempre notára nos seus labios! Aquelle sorriso que tramára, fazendo-se esgar, um golpe tremendo para redoar o throno ao seu verdadeiro rei. Napoleão!

E fôra a condemnação de Louis XVIII que ali o atirára.

Seus olhos fuzilavam.

Degrignon, o commandante do esquadrão, insistiu na pergunta.

Armand hesitou na resposta. Fez-se subitamente serio. Depois respondeu. Calmo. Sereno. Olhando o commandante do esquadrão como se olhasse, já, o porteiro do paraizo...

— Sim... Pensei melhor! Conceda-me... Commandar eu proprio o esquadrão!...

— O que? Absurdo! Não!!!

Depois o irmão do commandante acercou-se.

— Admiro-lhe a coragem. Aposto um luiz de ouro como elle o fará brilhante e calmamente!

Degrignon reflectiu.

— Feito! Aposto!

Armand curvou-se.

— Agradecido, cavalheiros!

Depois aprumou-se. Usou todo o seu garbo militar. Fez-se sério. Olhou, fixamente, as miras que o fitavam, escarninhas...

— Esquadrão! Attenção!!!...

Os soldados sentiram-se agitados. Aquella ordem é a ordem de um verdadeiro chefe. Fremiram. O joven sorriu-lhes. Agradeceu a presteza da obediencia.

— Apresentar armas!

O prisioneiro ainda os fitou uma vez.

— E' com prazer que serei defunto. Que luzido esquadrão! Capitão, os meus parabens!

O Capitão, attencioso e curioso, curvou-se, ligeiramente.

— Hombro armas!!!...

Obedeceram.

Depois, como o relampago, Armand atirou-se. O Capitão só viu quando elle attingiu uma carroça que, imperceptivel, encostava-se ao muro e dava accesso para o lado externo do mesmo.

bem AMADO

(DEVIL MAY CARE)

— Vive L'Empereur!!!...

Foi o seu ultimo grito jubiloso. Grito sorridente! E saltou.

Um tiro de pistola, secco, assustado, segui-o. Mas, felizmente, chegou tarde...

E elle saltou. Bem sobre o cavallo que se achava do outro lado. O proprio cavallo do Capitão Degrignon do esquadrão de fuzilamento...

Foi uma perseguição tremenda. Outros animaes lançaram-se em busca de Armand. Elle, retezado sobre a sella, arrumava as esporas aos flancos do animal que, espumando, doido, disparava pelas estradas afóra. Quando attingia a aldeia, houve uma descarga de pistolas. E o animal rollou.

Atirado longe, Armand ergueu-se, rapido. Não perdeu tempo. Fuzilou os olhos em direcção aos perseguidores. Não lhe escapou o detalhe de uma janella aberta. Era a janella de uma hospedaria. E, antes que o vissem, atirou-se para dentro della. Passou a cavalhada. E, do interior, agudo, um grito tremendo de mulher.

Fez-se luz. Era uma mulher. Uma menina. Não... Isto é. Entre uma e outra.

— Cala-te! Nem palavra!...

A menina ergueu-se. Num salto pegou a porta. Armand deteve-a. Com uma das mãos segurou-lhe os movimentos. Com a outra, tapou-lhe a bocca.

De fóra, lado do corredor, perguntou uma voz de commando.

— Arrombe as portas que estejam fechadas! A menina lutava para se livrar das mãos de Armand.

Ouça-me...

Armand chegou, rapido, os labios ao seu ouvido.

— Eu não te quero molestar. Creia. Sou um excellente rapaz. Mas... Acho-me em circumstancias perigosas! Era a sua janella o meu unico e ultimo recurso. Saltei! Perdoe-me e proteja-me...

—O senhor deve sahir!

Vozes, de fóra, continuavam commentando, agitadas.

— Atirem-no sem delongas!

Armand chegou-se de novo.

— Já viu um homem morrer?

Sua cabecinha loira disse que não. — Receio que vá ver, agora...

Chegaram os passos até a porta.

— Vamos! Para ali, depressa!

E, guiado por ella, saltou Armand para um pequenino quarto de vestir, ao lado.

A' porta, Armand parou. Olhou-a. Com meiguice, sussurou-lhe.

— Sabia que eras bôazinha...

— Abra! Em nome do Rei!

Ella obedeceu.

— Procuramos um evadido. Sicario de Napoleão.

—Um... Bonapartista?...

Houve interrogação angustiada na sua voz.

— Alegro-me em ver que a senhorita é Realista!

Com um pequenino gesto de mão ella indicou o pequenino quarto de vestir. Arma desembainhada, um soldado para lá se encaminhou.

— Elle está desarmado.

Sózinha, medrosa, ella esperou. Houve um baque. Um rumor ligeiro e bruto de luta. Depois, espada ensanguentada, olhar em fogo, capacete do soldado, Armand sahiu.

— Matou-o?...

Armand sorriu. Desdenhoso.

(Termina no fim do numero)

SCENAS DO FILM "ALL QUIET IN WESTERN FRONT".

LEW AYRES

William Bakewel'

Didi Viana
Meus melhores
desejos de felicidades
Sua amiga
Mary Brian

NANCY CARROLL

Cinearte

Nova habitante de Hollywood...

DOROTHY JORDAN

COLHENDO

(CAMEO KIRBY)

Film da Fox

J. HAROLD MURRAI	*Cameo Kirby*
NORMA TERRIS	*Adele Randall*
Douglas Gilmore	*Jack Moreau*
Robert Edeson	*Col. Randall*
Charles Morton	*Anatole*
Stepin Fetchit	*Croup*
Myrna Loy	*Lea*

Director Cummings

Adele tivera licença de seu pae para sahir, mascarada, em busca de emoções, pelas ruas. Todos festejavam! Havia alegria por todos os cantos.

Ao dobrar uma esquina avistam-se. Ella e Cameo Kirby, um ex-aristocrata que a situação financeira transformára em jogador profissional. Olham-se. As mascaras occultam os seus rostos. Curioso, Cameo segue-a.

Ao passar ao lado de um grupo de rapazes, é apanhada. Um delles a quer forçar a entrar para a sua caruagem.

Dois pulos e dois soccos e já Cameo Kirby a tem em seu poder.

Fogem. São maiores em numero e os poderão alcançar. Escondem-se em uma casa deserta.

Tiram as mascaras. Olham-se. Naquelle encontro. Na sua coragem. Nos seus olhos. Adele lia romance. Aventuras e distincção. E elle, nos olhos della, suavidade e belleza sem pares...

Vem o amor.

Adele sonhava com principes encantados. Cameo, com princezas de formosura rara. O destino os puzéra um defronte ao outro. A princeza encontrou seu principe. Amaram-se!

A' porta de sua casa, reconduzindo-a ao lar, Cameo Kirby reflecte. Passa, pelo cerebro, a sua condição de jogador profissional. Sente que aquella pequena é digna e nobre. Não a pode sujeitar á humilhação de se apaixonar por elle...

— Adele... Podes crer um instante só no meu amor?

Ella não lhe responde. Seus olhos, acanhados, cáem sobre o coração de Cameo Kirby.

— Sim. Amo-te!

Depois vem-lhe a curiosidade.

— Como se chama?

Ahi é elle que se retráe.

— Adelle, disseste que me amas. Isto é sufficiente. Meu nome?... E' melhor que o não diga...

Ella se entristece. Elle, terno e respeitoso, beija-lhe a mão que quer fugir, timida e nervosa.

E parte...

Amores

A illusão de toda aquella felicidade ia desapparecer. O Coronel Randall, pae de Adele, vae mandal-a para a plantação, rio acima. Mas ella ainda crê e espera que o seu principe encantado venha trazer-lhe o annel da eterna alliança...

Tempos passados, já na plantação, Adele não se esquece de seu amado. Emquanto isto, rio acima, é seu pae que vem ao seu encontro.

No mesmo vapor, rio acima, tambem, sobem Cameo Kirby, o jogador profissional. Mas "o mais honesto delles". Segundo opinião geral. E seu inseparavel companheiro Larkin Bunce.

Ha a bordo uma ameaça. E' Jack Moreau. Um jogador canalha e malandro. Exprorador e gosador de desgraças alheias.

Sabendo que Randall traz, comsigo, importante somma em ouro, Jack convida-o ao jogo. Embebeda-o, paulatinamente. Depois condul-o á mesa de jogo.

Cameo Kirby percebe a manobra do seu rival o maior inimigo. Consegue entrar no jogo, tambem.

Horas passadas, desesperado e louco, o Coronel Randall atira a sua ultima proposta.

— A minha plantação contra a ultima rodada!!!

E Jack Moreau acceita...

Ha a jogada. Moreau tem a melhor cartada. Vence o velho Randall. Expõe, aos seus olhos atonitos e aterrados, o seu jogo.

— Um momento...

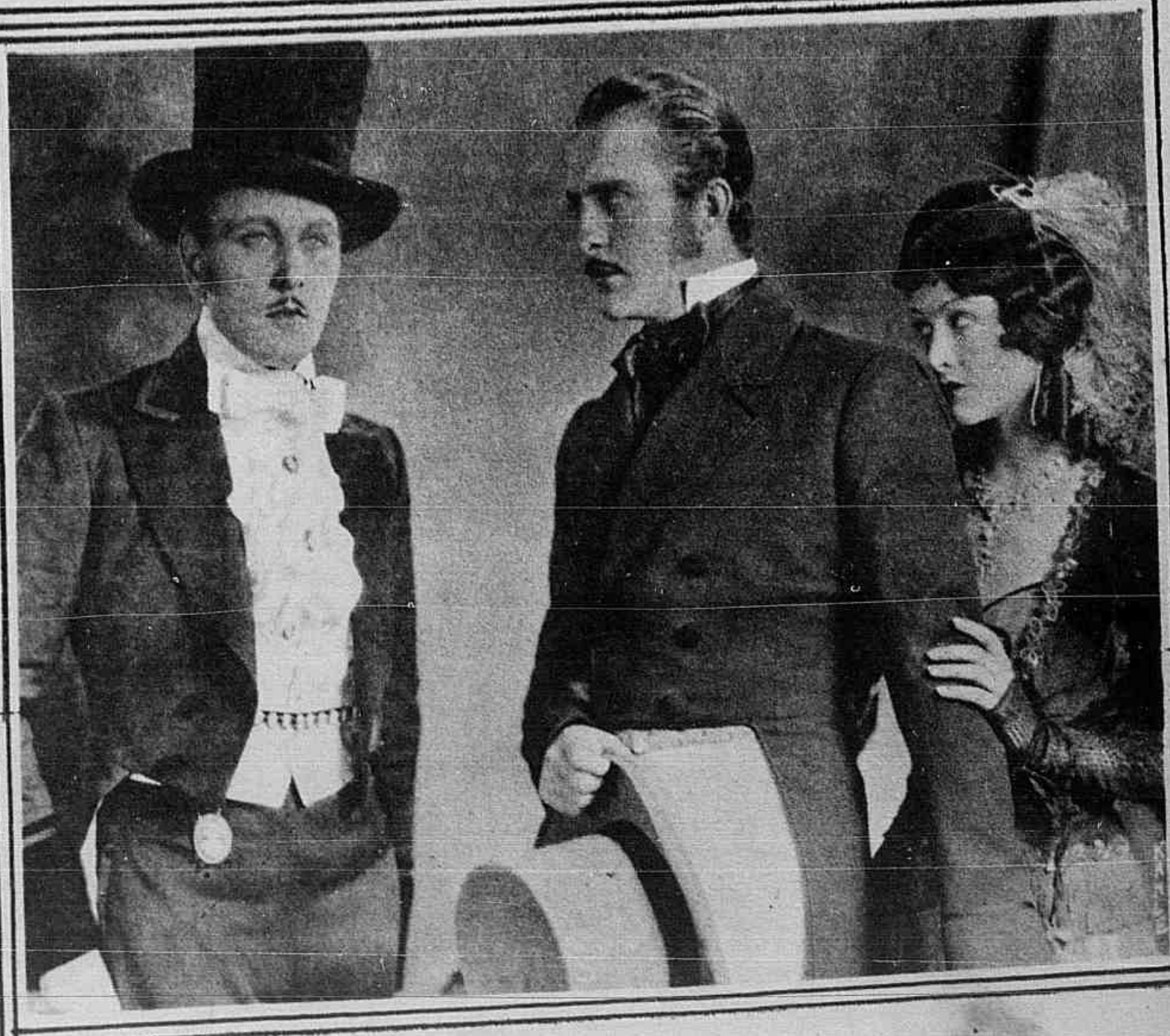
E Cameo Kirby expõe o seu jogo.

E' o maior.

— Canalha...

Rosna-lhe Moreau. Cameo, calmamente, recebe o vale que o empossa como proprietario da plantação. Emquanto o velho se retira, tonto e cambaleante, elle se senta e escreve, calmo e sorridente, a transferencia da plantação de novo para o Coronel Randall...

Quando elle tambem se ia erguer, ouve-se um estampido. Depois um baque surdo.

(Termina no fim do numero)

(De L. S MARINHO, representante de CINEARTE em Hollywood)

A sala de visitas de Natalie Moorehead. E' quasi um subterraneo de fitas de mysterio... Tem até "curvas perigosas"... Mas tudo é chic. Mobilada simples e elegantemente. Ali, jogado sobre uma das fofas poltronas, fiquei, esquecido e conversando, mais de uma hora...

Ella se sentou bem distante de mim... Perto de um quebra luz vermelho cujo reflexo, batendo em cheio sobre seus cabellos mais do que louros, penteados "a la homem", davam-lhe um tom positivamente vontade de chegar mais perto della...

— Fuma?

— Não.

NATALIE MOOREHEAD e L. S. MARINHO, representante de CINEARTE.

Uma tarde com

Ella tossio.

— Resfriado...

Tornou a tossir. — E?...

Tossi.

Depois falamos meia hora sobre constipação. E ella, emquanto falava, folheava "Cinearte". Commentou a revista, depois. E' inutil ser elogioso neste sentido...

Uma cousa me surprehendeu. Quando ella me apertou a mão e, depois, a mim se dirigiu de outra feita. Falou certinho o meu nome. Num sotaque genuinamente inglez. Mas deixou o "h" firme no seu posto! Ahi, Natalie!...

Tive excellente impressão da sua figura aristocratica e fina. O "h" veio reforçar a minha impressão...

Ella é um typo genuinamente "amor a primeira vista". Tem personalidade. Gestos seus. Attitudes suas que a diffinem como mulher de sociedade. Tem um modo elegantissimo de falar. Isto tudo junto, attráe uma enorme sympathia para si.

As louras geralmente são frias. Natalie não o é... Sei que ha tambem morenas frias como marmore. Mas ha louras que das primeiras palavras já se sabe o que são. Carol Lombard, como Natalie, é uma das que têm uma personalidade ardentissima, embora lourissima, tambem... Jeanette Loff já é das louras frias de que falei. E Mary Eaton mais ainda... Natalie tem uma bocca sensualissima. Póde ter nervos flacidos. Attitudes polo Norte. Pouco importa. Aquelles labios denunciam-na como perigo numa scena de amor real...

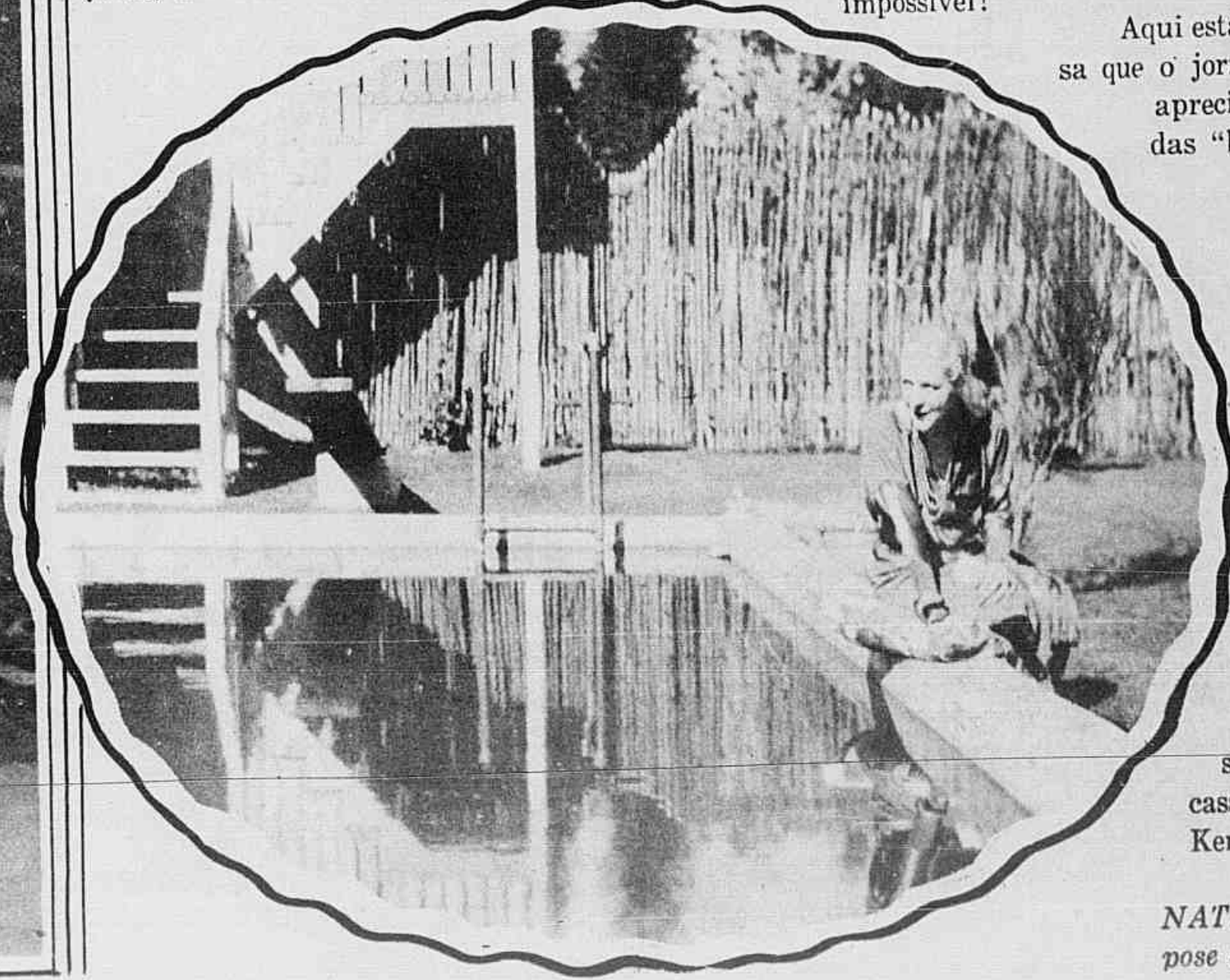
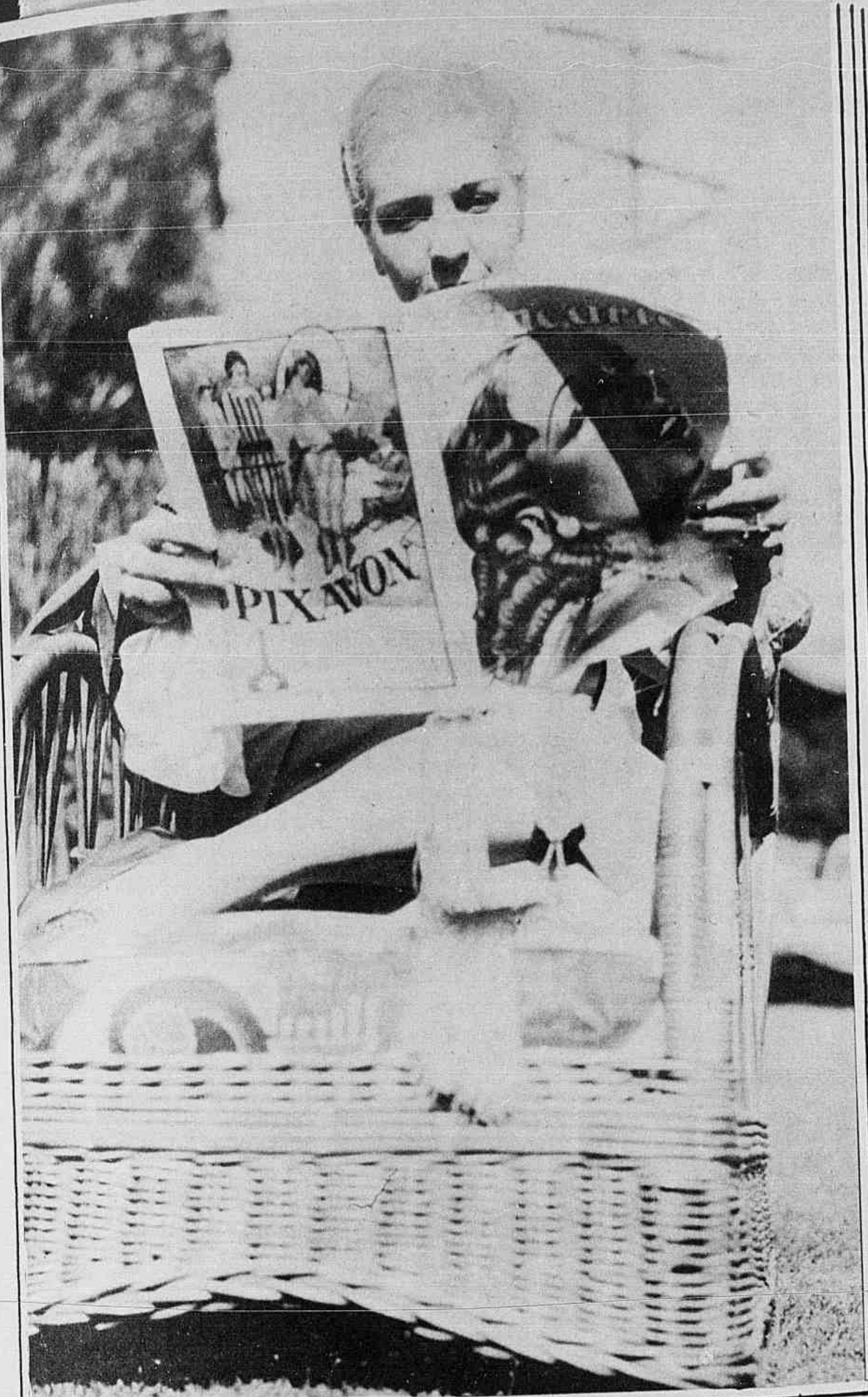
Ella fechou a revista e me olhou. Confesso que senti aquelle arrepio de que todos falam tanto...

— Sabe, Mr. Marinho, invejo-lhe a vida! Sempre de cá para lá! Para baixo, para cima. Constantemente falando com um e outro. Conhecendo estrellas de todos os quilates. Estudando e comprehendendo caracteres. Fazendo entrevistas. Francamente, póde-lhe parecer engraçado, mas gostaria immenso de ser jornalista. Acho que melhor vida é impossivel!

Aqui está mais uma das que pensa que o jornalista de Cinema vive apreciando a vida pelo lado das "bowas"...

— Gostaria de ser jornalista — continuou ella — para ter sempre o prazer de ler meu nome impresso no topo de um meu artigo... Teria photos nos jornaes. Não imagina o quanto adoro a publicidade! Tenho vontade de escrever, mas não tento. Receio, francamente, que minhas historias sejam um tremendo fracasso...

Ken Maynard fôra outro

NATALIE em sua casa, em pose especial para "Cinearte"

Natalie Moorehead

VENDO O "CINEARTE"...

que disséra que eu levava bôa vida. E' uma injustiça. Eu, o santo dos santos, assim julgado pelo espirito leviano dos artistas de Cinema...

Natalie fala muito. Eu a ouvia e a admirava, ao mesmo tempo. Já não era bastante?

Depois ella me disse que não gostava de brilhantes. E nem de annel de noivado. Mas que adora as joias de fantasia... Aprecia as cousas antigas. O que tenha côres variadas é do seu gosto. Diz que tem algo de egypcia na sua personalidade e na sua alma...

Não comprehende porque a sua amiga Ruth Roland usa sempre um diadema. Já lhe disse, ella propria, que aquelle enfeite a fazia mais velha. E, ainda, que é cousa que só se usa em operas. Muito raramente na sociedade.

Disse que ainda não teve o prazer de viajar pela Europa. Tres vezes já teve nas mãos as passagens. Mas foi forçada a cancellal-as porque uma bôa offerta theatral, daqui ou de lá, sempre a roubavam dos seus passeios sonhados sempre e nunca realizados. Adora o piano e o canto. Tem vontade, quando alguem tocar, arrancal-o do piano e tocar em seu logar... Foge de ouvir estudos. Acha aquillo pavoroso. Citou o caso de Lila Lee, que está aprendendo piano, agora, e que vive com as mãos de baixo para cima pelo teclado do piano. Natalie é pelo Cinema falado. E nem podia deixar de ser assim. Ella veio do palco. E acha, mesmo, que com um director de theatro, os films se tornarão admiraveis...

— Os "talkies" de agora, creia, são como os films silenciosos de 15 annos passados. Horriveis! Só que têm uma photographia excellente. O que lhes falta é direcção que arranque, dos dialogos, os effeitos necessarios. — Ainda não tive um papel a meu gosto. Já estou até por aqui de fazer papeis de senhora de sociedade e vampiras detestaveis. Gosto de papeis caracteristicos. Por exemplo. Apreciaria, immenso, fazer o papel de uma mulher de baixa classe. Roupas rôtas e velhas. Embriagada contumazmente. Uma cousa assim!

— Os papeis que tenho feito, até hoje, nada mais são do que agua e sal... Que cousa ensôssa!

— O systema de filmagens, hoje, é differente. Temos o papel para estudar. Ensaia-se antes de girar a camera. O artista, quando vae para a machina, já está cansado e aborrecido... Aquillo rouba-lhe toda vitalidade, toda acção...

— Quando o collega foi de palco, elle sabe o que dizer, quando, ás vezes, esquece-se do dialogo. Mas quando não tem traquejo de palco... Meu Deus!

— Um cigarro, Mr. Marinho?...

Ella accendeu o seu cigarro perfumado. Esqueceu-se de que me havia offerecido um. Depois disse que, recentemente, tivera um papel num film de Alan Crossland. Reputa-o um bom director. Incidentalmente móra em sua casa...

Depois mudou a conversa para o typo dos cabellos de sua irmã.

— Absolutamente differente dos meus!

E contou-me que ella é morena. Cabellos pretos. Fala hespanhol, admiravelmente. (Aqui saccudi os hombros como quem diz *e eu com isso?...*) Que sua mãe sempre fôra contraria a sua entrada para o theatro. Mas que, hoje, é quem toma conta do seu "scrap book" e, tambem, sua maior admiradora...

Nasceu-lhe a vocação pelo palco, aos 11 annos. depois do fallecimento de seu pae que era um dos directores da United Steel Corporation. Sua mãe, viuva que ficou, achava que o theatro era um dos muitos caminhos da perdição de que nos falam os historiadores de fantasia. E foi por isso que poz seus obstaculos...

Tudo que lhes restára da herança deixada pelo pae rodou por agua abaixo. Aos 20 annos viu-se ella na contingencia de ganhar a vida. Quanem New Yorv, ainda, teve o seu primeiro "bit" na peça "Abie's Irish Rose", ganhando vinte e cinco dollares por semana. Isto aborreceu sua mãe que nunca mais a quiz ver. Mandou-lhe a mala e disse-lhe que nunca mais lhe apparecesse em casa.

Este facto, triste e aborrecido, não desanimou Natalie. Ella continuou com fé e coragem, sem desanimar. Depois fez uma longa temporada em New Jersey. Viu-se em "Broadway" interpretando "Baby Cyclone", a peça que lhe deu fama e que a levou para os Studios.

Teve a sua opportunidade. Antes da greve da Equity tinha tomado

(*Termina no fim do numero*)

A's Armas

(F I M)

Mas Rosa o attende de outra forma. Repelle seus galanteios. Refuta-lhe as ousadias. Afasta-o com a nobreza da sua attitude altiva. E o pedido que lhe faz é apenas de duas caixas de alfinetes...

Augusto sáe, exasperado. Louco da vida. Mas talvez a lembrança de Luisa amaine-lhe a zanga...

Emquanto Roberto, Rosa, Luisa, todos de Seribaté, em summa, vão vivendo a sua vida, em S. Paulo a junta de alistamento trabalha. O scrteio é feito. E, encimando a lista dos rapazes de Seribaté está um nome: — Roberto, filho de Antonio Noronha.

Noite. Hora alta. Sózinho e esperançoso. Bem debaixo da janella do seu quarto, Roberto toca a canção de amor que o enleva. As cordas do violão vibram. Chegam aos ouvidos de Luisa. Ella se está despindo. Ia dormir...

Ergue-se. Preguiçosa e aborrecida. Quando passa pelo espelho, molle e preguiçosa. Sensual e ardente. Contempla-se e arruma seu penteado. Arranja-se e mira-se todinha...

Depois abre a janella. Sob a mesma está Roberto. Encabulado e nervoso.

— Eu já lhe pedi que não fizesse mais serenatas... E conta-lhe que o pae era uma féra.

— Luisa! Eu tenho tanta vontade de contar em versos o que meu coração sente...

Luisa se ri. Depois diz-lhe um "bôa-noite" rapido e secco.

Fecha-se a janella. Elle desce. Vencido. Sempre amando aquella pequena futil e jamais tendo a satisfacção de a ver sorrindo para elle...

Depois apanha Pé de Vento, pelas orelhas, o maroto!

— Já te disse que deixe disso!

E lá vão, rua abaixo, Pé de Vento a frente e elle, atraz, cantarolando as suas magôas.

Por detraz de uma janella. Através os vidros de uma vidraça. Sáe um beijo que é para elle. Um beijo de amor. Quente e carinhoso! Escondido e medroso! E' Rosa que o atira. Coitadinha. Ella sabe que seu amor é infeliz e sem esperanças...

Depois vem a noticia do sorteio. Depois vem o acabrunhamento dos paes de Roberto. Depois vem a sua alegria. E, tambem, o desespero de Pé de Vento.

— ...porque sou — diz elle — mal comparando, tua verdadeira mãe!

E Roberto, mais feliz do que nunca, sáe, doido de alegria, para o trabalho, de novo. Satisfeito porque vae para S. Paulo! Louco de felicidade porque se vae fazer mocinho de cidade para conquistar, assim, o coração de Luisa...

A' beira da estrada, sózinha, está a Crysler de Augusto.

Roberto e Pé de Vento estacam. Procuram. Pé de Vento vê.

— Lá está elle! E de binoculo!

Curiosos, approximam-se. Augusto, olhos fixos, contempla alguma cousa deslumbrante e maluca. Nem os presente. Roberto procura ver. E' muito longe. Nada divisa. Bate aos hombros de Augusto.

— Mas o que ha?

Augusto, sempre insensivel, procura afastal-os. Mas depois olha. Zangado. Roberto repete-lhe a pergunta. E Augusto monta. Que é uma pequena que, ao longe...

Com custo e pena entrega o binoculo a Roberto. Roberto olha. Mas afasta bruscamente o binoculo e investe para Augusto.

— Vá-se daqui, seu cachorro! Aquella é minha pequena!

Augusto bate-lhe ao hombro, galhofeiro.

— Vamos, deixe-se de zangas, mocinho...

E tenta olhar de novo.

Despreoccupada, banhando-se, Luisa nada ouve. E elles continuam a discutir. Augusto vae reagir. Mas um tremendo porrete ás mãos de Pé de Vento, acalma-o...

E elle se vae.

Luisa presente o rumor da discussão e da partida de Augusto. Num instante comprehende tudo. Sorri, ironica e maliciosa...

Roberto despacha Pé de Vento.

— Ficarei para advertil-a.

Pé de Vento olha. Depois coça a cabeça. Depois sorri e parte...

Minutos depois elle já não resistia a tentação. Caminha em direcção á Luisa. Num recanto quiéto e solitario estão suas roupas. Elle se approxima. Apanha-as. Beija-as. Afaga o rosto com a maciez daquella sêda... E já não é mais dono de si. Sente que toda a sua timidez se vae por agua abaixo...

Volta para a curva da estrada e espera. Luisa chega. Veste-se. Quando vae sahir, vê, sentado ao longe, Roberto. Percebendo-o, finge que não o vê.

— Luisa!

E elle vae ao seu encontro. Narra-lhe o acontecimento todo. Ao fim della, Luisa pergunta-lhe se elle tambem olhou pelo binoculo...

Roberto encabula.

Luisa para não lhe rir na cara volta-se. E elle, pensando que ella se aborreceu com sua ousadia, approxima-se. Beija-lhe a mãozinha.

— Luisa. Eu te amo!

E não se contendo mais, brusco e rapido, agarra-a e beija-a com furia e paixão.

Ella se afasta. Ennojada. Limpando a bocca como se houvesse provado fructo passado...

— Animal! Caipira!!!...

Afasta-se.

Pequenino. Vencido. Esmagado. Elle cáe sobre a relva á beira do corrego e, chorando, soluçando, só murmura, amargurado e triste.

— Luisa! Perdoa-me! Eu não me pude conter...

Na vespera da partida de Roberto, seus paes e Serafim, pae de Rosa, jogavam.

Lá fóra, no jardim da casa de Roberto, o luar tingia de prata os claros deixados pelas ramagens exhuberantes.

Rosa o procura. Quer estar ao seu lado. Já sabe da grande magôa que o acabrunha. Já sabe que Luisa o repudiou e desprezou seu affecto. E ella que tanto o ama!

Chega-se á elle. Cantando, violão soluçando sua magoa, Roberto contempla a lua.

Ali ficam. Depois elle para de cantar.

— Roberto. Teu coração ainda é de Luisa?

Elle sente que alguma cousa lhe cáe sobre a cabeça.

— Não. Não é mais.

Depois ella lhe pede que cante. Que ainda uma vez o quer ouvir cantar. Roberto interpreta mal as suas palavras.

— Tu amas alguem, Rosa?

E afaga-a como se afaga uma criança dá qual se tem pena...

Rosa lhe diz que não. E emquanto Roberto canta, sentida e magoada canção, Rosa encosta-se ao seu hombro e ali fica deixando as horas passar e só pensando na ausencia do seu querido Roberto...

No dia seguinte Roberto parte. Seus amigos e conhecidos todos vão á Estação. Rosa não tem coragem de lhe entregar um embrulhinho que tem nas mãos. D. Martha, mãe de Roberto, aconselha-a que entregue. Ella o vae fazer. Mas vê que Roberto só olha para o lado de Luisa e resolve não mais o entregar...

De facto, Luisa tambem ali está. De braço dado á um rapaz muito alto. Almofadinha de cidade... E' o filho de um dos fazendeiros da localidade. E ella o levou ali apenas para fazer pouco do pobre Roberto... Amesquinhado, humilhado, vencido, Roberto parte. Quando se desprende dos braços afflictos de sua mãezinha. E das lagrimas de Pé de Vento. Vê que Rosa corre ao encalço do trem. Entrega-lhe o embrulhinho. Elle apanha sua mãozinha e beija-a. Sempre fraternal...

Emquanto sua mãe e Rosa, abraçadas, choram. E o trem passa pela curva da estrada, Roberto sempre pensa em uma pessôa e em um nome.

Luisa...

No quartel tudo foi rapido. Roberto nunca pensou que fosse tão bôa a vida de um quartel! Ali encontrou a amizade sincera de Alvaro. O ajudante do Tenente Ferreira e um rapaz franzino e doente que ficára unicamente pelo seu extremo amor á farda. E encontrára, tambem, a amizade de Lauro, um rapaz voluntario. Antipathico e cynico. Que apenas visava, ali estando, encobrir-se do seu passado na policia e das perseguições justas que a mesma lhe movia.

Ingenuo. Desilludido no seu melhor amor, elle não comprehendera, realmente, o que significava aquelle bilhetinho que Rosa lhe entregára, com a bandeirinha brasileira.

— Eu gosto muito de você...

Mas... Gosto?

Alvaro dizia-lhe que era amor. Elle dizia que não. — Fomos creados juntos. Não póde ser...

E nem se lembrava disso.

Lauro começou a leval-o para seus passeios nocturnos. Pelo seu comportamento irreprehensivel, Roberto já tinha alcançado o posto de telephonista para as proximas manobras. E ao passo que accompanhava Lauro, nas suas farras, pagando pelas despezas de ambos. Não ouvindo os conselhos sensatos de Alvaro. Ia, sem o sentir, perdendo a confiança de seus superiores que tanto o estimavam. Particularmente o Tenente Ferreira, seu commandante.

Lauro estava apenas planejando tirar-lhe o posto conseguido, para as manobras.

Porque elle fôra apanhado pelo Tenente Ferreira quando tramava, em pleno quartel, contra a farda e contra a bandeira. Quando pregava a desordem e o descredito, em summa! E o Tenente, justiceiro e energico, fizera-o passar 15 dias a pão e agua.

O seu odio não conhecia limites. Durante os seus ultimos dias de prisão convenceu-se de que não lhe era util reagir. Resolveu-se, humilhar-se. E, a troco de bons modos conseguir alguma cousa que o collocasse em possibilidades de tirar a sua desforra...

E foi o que conseguiu. Sempre deixava Roberto embebedado, na Cidade. E, sózinho, voltava para o quartel e alcançava a chamada matinál. Roberto não comparecia. E, assim, via elle claramente que a sua opportunidade se approximava...

E foi justamente o que aconteceu. O Tenente viu-se forçado a tirar o posto a Roberto. E entregal-o, pelo seu bom comportamento e conhecimentos, a Lauro. Roberto achou justo. E ainda achou que Lauro é que era o unico mesmo digno de ter aquelle posto... Alvaro é que via e percebia tudo. Mas que podia elle fazer diante de Roberto, completamente cégo e completamente anniquilado pela humilhação que soffrera?...

Chegou o dia das manobras. O fragor dos canhões. O pipoquear das metralhadoras. O avançar simulado das tropas. Bayonetas caladas. Os alvos, ao longe, sendo visados pelas miras dos artilheiros. E, activos e rapidos, os telephonistas observando os tiros e dirigindo as miras dos canhões...

Ali estava o estado maior. O Tenente Ferreira e seus ajudantes. Poucos graus afastados da mira do canhão que Lauro controlava.

E, claro, era esse simplesmente o seu plano. Desviaria os tiros para a direcção do Estado Maior até que as balas attingissem o alvo. E, assim, em frangalhos poria o homem que o aviltára... E, depois, quem o podia culpar? Não podia se attribuir á uma casual modificação de calculos?

E os tiros começaram a chover. Em volta de Lauro, solicitos, estavam seus dois auxiliares. Roberto e Alvaro. E continuava a manobra. Tudo em ordem. Um verdadeiro aspecto de luta. Ruido. Animação. Diversos alvos já haviam voado. Attingidos pelos tiros certeiros.

Já, diversos graus desviado do ponto certo, o canhão já se virava para o lado do Tenente Ferreira que, perfeitamente calmo e despreoccupado, nada percebia.

Mas Roberto começou a perceber aquillo. Via barrancos serem destruidos pelos tiros. Percebia a modificação da trajectoria das balas. Comprehendia que ellas se avizinhavam do ponto aonde se achava o Estado Maior. E, assim, num lance gritou a Alvaro.

— Elle se está vingando! Procura attingir o sector do Tenente Ferreira!

E, emquanto se agarrava a Lauro, em medonha luta corporal, arrancando-lhe o telephone das mãos, Alvaro sahia em disparada, direcção ao Estado Maior,

para avisar o Tenente Ferreira do perigo que corria. O primeiro murro coube a Lauro. Mas Roberto ergueu-se. Engalfinhou-se em tremenda luta. E, após alguns murros, prostou Lauro e sahiu em disparada para a direcção dos canhões em constante bombardeio.

O calor da luta. O ruido dos disparos. O pipoquear da metralha. E os seus dois companheiros correndo, direcções oppostas, pela salvação de seus superiores. Em busca de uma nobre acção. Fizeram pulsar seu coração. Fizeram-no sentir, pela vez primeira, a noção exacta da palavra patriotismo. Mas a fatalidade tinha que vir.

Um disparo ouviu-se.

A sua consequencia era inevitavel. Alvaro tombou. Os estilhaços da granada attingiram-no. E Lauro, já não mais se lembrando de nada. Esquecido de sua vingança. Só se lembrando do bom companheirinho que ali ficára cahido e talvez já morto. correu. Em louca disparada. Para ver se ainda chegava a tempo de o salvar se ainda vida lhe sobrase...

Novo disparo.

Novo rombo na terra distante. E cahido aos pés de uma moita. Agonisante, o corpo de Lauro. Victima de sua propria vingança. Pagando, com seu sangue, o preço de suas faltas e baixesas...

Roberto fez parar os disparos. E, rapido, voltou. Para apanhar Alvaro.

Ao longe, tardinha, ouviu-se o toque de um clarim. Annunciava o final daquelle dia de trabalhos. O Tenente Ferreira, livre do plano de Lauro, já era senhor dos actos heroicos de Roberto e Alvaro.

E emquanto Roberto carregava Alvaro, ferido e sem sentidos, sobre os hombros, morria, lembrando-se da patria e do dever, Lauro, o voluntario corrompido e vingativo que, afinal, não deixava de ter um coração humano e sensivel...

Alvaro falleceu no seu leito do hospital. Teve suas pernas amputadas. Não resistiu á operação.

Roberto foi condecorado. Elevaram-no a sargento e deram-lhe a baixa que tanto merecia.

E era por isso que Seribaté estava em festas naquelle dia!

Os jornaes trouxeram os detalhes de tudo aquillo. Roberto era o assumpto de todas as boccas. Luisa já modificára todos os seus planos!

— Heróe... — murmurava ella, lendo a noticia. — Agora talvez eu me case com você...

E Rosa soube. E souberam seus paes tambem.

Assim, com festas e banda. Com rojões e flores, resolveram receber Roberto.

Elle voltava sargento. Traz, para Seribaté, o orgulho de se haver sahido galhardamente da sua obrigação de patriota e militar.

E, quando aquelle tremzinho que parecia caixinhas de phosphoros engrupadas fez a curva a appareceu na ponta da estrada, a agitação na estação foi intensa. A banda rompeu. Os rojões subiram. Rosa ali estava. D. Martha e o Coronel Noronha, orgulhosos e satisfeitos. Pé de Vento, doido de alegria. Serafim d'Almeida. E Luisa.

Sim, ella tambem estava. Mais linda do que nunca. Anciosa e enervada com a chegada do heróe que... tanto amava!

Roberto saltou. Flores foram arremessadas sobre elle. E antes que ninguem o pudesse abraçar, Luisa o agarrou, nervosa e, nos seus labios esmagou os seus com impeto e furia.

Rosa apenas susteve o grito que quasi lhe escapa. E, incontinenti, retirou-se.

Roberto a olhou. A surpresa fez todos hesitarem...

— Como? Tem a coragem de beijar um Animal... caipira?...

E sorriu, desdenhoso...

Luisa olhou-o. Comprehendeu que o seu coração não mais se diluiria ao mais simples e leviano dos seus sorrisos...

Retirou-se. Zangada e furiosa.

Roberto atirou-se aos braços de sua mãezinha. De seu pae. De Pé de Vento. De todos que o festejavam.

Mas sentiu falta.

— Rosa... Aonde está ella?

Serafim lhe disse que ella se retirára. Naturalmente fôra para casa...

Roberto pediu licença á todos. Ia se dirigir para o lado de Rosa... Quando o poeta se chegou com um discurso de 500 paginas...

— Ave, Heróe!!!

Roberto esfriou. Mas, rapido, teve a idéa. Voltou-se para Pé de Vento e convenceu o poeta de que era elle o heróe...

Depois correu. Ao encontro de Rosa. Aquella que comprehendia agora ser o seu verdadeiro amor. Aquella que nunca pensára amar por ser, justamente, aquella que mais carinhos lhe fazia e que mais meiga se mostrava com elle que a julgava apenas uma sua companheirinha...

Encontrou-a, triste e só, no carramanchão do seu jardim.

— Rosa!...

Ella se voltou. Os braços delle já a enlaçavam e seus labios já procuravam os seus.

— E Luisa?

Roberto contou-lhe tudo.

— Foi illusão. E' a ti que eu amo! Agora é que comprehendo e que tambem te posso dizer, Rosa... Eu gosto muito de você...

Uniram-se as boccas. O beijo foi longo. Bem longo. Matou e esphacelou em miasmas todas as saudades daquelles corações moços e cheios da poesia bonita e simples da Seribaté caipirinha e humilde...

Abraçados, aos cochichos, Roberto e Rosa foram combinar, amorosos, os planos para o futuro ninho de amor...

E anniquilado, cahido, dormindo profundamente, Pé de Vento não chegou a ouvir a ultima palavra do discurso que o poeta acabava de fazer ao heróe, Roberto Noronha...

Uma Tarde com Natalie Moorehead...

(F I M)

parte em alguns films. Entre elles, "A Cup of Tea", da Christie, "The Girl from Havana" e "Thrun Different Eyes", para a Fox e "The Unholly Night", para a Metro Goldwyn.

Durante a greve foi para S. Francisco e lá trabalhou na peça "Cooking her Goose". E, depois, regressando a Hollywood, quando cessou o barulho, trabalhou em "Furries" e "Spring is Here", da First National.

Tiramos algumas chapas.

— Mr. Marinho, a nossa photographia deve ser interessante. Os seus cabellos são tão pretos, os meus tão louros... Diga-me. Seus cabellos são encrespados naturalmente ou você...

— Ah, Natalie!!!...

Desceu sobre mim o espirito de André de Beranger. Depois veio-me uma resolução William Haines. Ergui-me.

Ha muito tempo aquella mulher me provocava...

Chega! Sahi.

Pelo caminho todo fui cheirando a mão. Alguns, no trajecto, olharam e sorriram á persistencia do meu olfato insasiavel...

E' que ella tinha a mão tão perfumada e eu a tivéra alguns minutos entre as minhas que... Era impossivel deixar de cheirar!

O Bem Amado

(F I M)

— E o que esperava, Mademoiselle?...

O realista, ferido e amarrado, lutava para se livrar.

— Foi cruel. Procedeu mal. Mas continua sendo a creatura mais linda que já tenho visto...

Depois um salto. Um ruido de vozes. E, tremula, ouviu-o gritar, immitando a voz do commandante.

— Montem! Elle se escapou pela janella da retaguarda! Sigam-me!

Ella não sabia se ria. Se chorava. Se soccorria o ferido. Só se lembrava de uns olhos que falavam. De um sorriso que feria...

Numa encruzilhada a corrida cessou.

— Parte para lá! Parte para aqui! Os restantes commigo!

Eram ordens. Embuçado, não se via bem o chefe. Obedeceram. Ninguem o acompanhou. Sózinho, sorriu, sorriu de novo. Lembrou-se da peça. Mas lembrava-se, tambem, de uma trahição encantadora. De um susto lindo nuns olhos côr de céo...

E resolveu ir para a residencia da Condessa Louise, sua maior amiga. Ella o protegeria. Ella o disfarçaria como seu empregado. E quem iria descobrir um Bonapartista no seio da mais Realista de todas as familias?...

— E' a prima da Condessa! Mademoiselle Leonie! Vamos, seu palerma! Abra-lhe a porta!

Armand, novato como porteiro, apressou-se.

Depois estacou e voltou o rosto. Disfarçou. Era a pequena de momentos antes. A pequena em cujo quarto se refugiara. Mas ella não o vira. Não o reconheceu. Ouviu-a contar a aventura á Condessa. Contar todo o seu pavor. A audacia do rapaz. Que não lhe vira o rosto, muito bem. Mas que advinhara-lhe uns olhos admiraveis e um sorriso entorpecente... Alto. Moço. Bem moço. A Condessa, tremula, ouvia as descripções. Temia...

— Mademoiselle, sua bagagem!

A condessa estremeceu toda. Se ella, a prima, reconhecesse a voz?... Leonie, de facto, cerrou o sobrecenho. Parecia recordar... Mas, vendo o servo, apenas, descerrou-o e sorriu, de novo. A Condessa aliviou o sobresalto. Armand, intimamente, sorria... Louise ordenou a disposição das malas de sua prima. E, seguindo-as, ouvia o fim da conversa...

— E imagine! Tive-o em minhas mãos. Um Bonapartista! Podia tel-o preso, agora, pagando pela sua audacia e pelo seu ardor politico...

— Cada vez mais contra os Bonapartistas?... Disse-lhe Louise.

— E porque não?

Foi a resposta apaixonada, ardorosa.

— Quem mais soffreu em mãos delles do que eu? Meu pae morreu no exilio. Minha mãe, de magoa e dôr, seguiu-o. Fiquei orphã. Tive meus bens confiscados. Fizeram-me depender apenas da tua bondade e complacencia. Não é o bastante?...

Na seguinte manhã Leonie despertou. Não por si. Pelo longinquo éco de uma canção. Esfregou os olhos. Admirada, saltou do leito. Parecia uma canção de amor. Trazia intimidade. Ousadia. Delicadeza. Inspiração... Foi para a sacada. Sentado na parede de pedra, impassivel, o creado de sua prima. Charles. Aquelle que lhe abrira a porta á chegada... Polia, com carinho e esmero, suas botas. E, acompanhando o rythmo da escova, cantava.

— How can you be so charming,
When you're breaking my heart in two?...

Impossivel! Um creado... Com aquella voz? Tão branda. Tão delicada. Tão cheia de sentimento... Entrou. Puchou a cortina da vidraça e, ouvindo distante a canção, espiava... Elle era moço. Lindo! Tinha trajos de servo. E, ainda assim era distincto e tinha alguma cousa de differente... E que voz! Que voz! Ouvia-o. Ella que tanto gostava de canções... Sonhou. Ali mesmo, reclinada á janella, ouvindo, ouvindo... Depois afugentou os sonhos. Volveu á realidade. Não! Que idéa! Elle não passava de um servo. E ella... Ella era a prima da dona da casa. Da Condessa Louise. Filha de alta nobreza. Não! Não lhe tornaria a dar um só dos seus pensamentos!...

Minutos depois, Louise, com uma missiva entre os dedos, entrava pelo seu quarto. Era de Lucien Degrignon. Pedia-lhe, por ser a unica parenta de Leonie, a mão delicada da sua priminha. Elle offerecia riqueza. A sua physionomia razoavel. Bom nome de familia. Tudo isto não tocou a sensibilidade de Leonie.

— Familia?... Era desnecessario isto. Acho que nenhuma mulher se casaria com homem que lhe fosse inferior em posição social...

Depois, quando Louise ia continuar conversando:

— How can you be so charming,
When you're breaking my heart in two?

Os lindos versos, vieram, irrequietos e intrigantes, terminar a phrase malvada da linda Leonie...

(*Termina no fim do numero*)

MARIANNE

(FIM)

10 de Dezembro de 1918.
A aldeia está tão contente! Tanta gente que volta! Tanta felicidade!
Stagg não me deixa um só minuto.

11 de Dezembro de 1918.
Chegou-me, hontem, ás mãos, um bilhete do Pére Joseph, o nosso bom cura que tambem foi para a guerra. Diz elle regressar em breves dias e trazer noticias de André... André... ha quanto tempo! Onde estará elle?...
Lá fóra, Stagg me chama... Já vou, Stagg! Um momentinho!

14 de Dezembro de 1918.
Estou exquisita, muito exquisita. Pére Joseph chegou. As noticias de André são que elle combateu como um heroe e se acha actualmente num hospital. Envia-me as suas medalhas. A sua Croix de Guerre. E manda-me dizer que voltará breve. Eu fiquei muito tempo, sósinha, com as medalhas na mão, sem saber o que pensar... Entrou Stagg. Elle não sabia que eu era noiva. Abraçou-me, beijou-me e disse-me: *je t'aimo*... Que me queria levar para a America, para que me casasse com elle. Eu deixei tudo... Fiquei como boba, a olhar para elle. Não disse nem sim, nem não. Elle me abraçava e beijava repetidas vezes. Num desses abraços, minha mão se abriu e as medalhas cahiram ao chão... Elle se abaixou para apanhal-as... Então eu disse-lhe tudo. Que era noiva. Que não podia ir com elle. Que devia amar o meu noivo. Elle quiz protestar, insistir. Disse que a gente não tem o direito de fugir ao apello do amor. E outras coisas ainda mais malucas, mais deliciosas e mais verdadeiras... Mas eu mostrei-lhe a Croix de Guerre e elle abaixou a cabeça... Um heroe! Não! elle não seria capaz de roubar a noiva de um homem glorioso... E, cabisbaixo, sahiu...
E eu fiquei a pensar qual seria o verdadeiro heroe...

19 de Dezembro de 1918.
Os americanos vão partir. Regressar á patria... Não voltarão mais... Não recebi mais noticias de André... E o Pére Joseph diz que o deixou tão mal...

21 de Dezembro de 1918.
Dia terrivel o de hoje! Os americanos organizaram, em minha casa, um baile de despedida. Estavam todos quasi malucos de alegria. Iam rever, em breve, as suas noivas, mães, esposas, filhas... Stagg não tinha ninguem a quem rever... Eu não sei como foi, mas, quando vi, tinha consentido em ser a sua esposa, em partir com elle... E, no meio da alegre sarabanda, puzeram-nos em cima da mesa, cercando-nos de barulhentos vivas e altos votos de felicidades e venturas. Em volta, fizeram uma grande roda, que me tonteava e enlouquecia. Eu estava presa nos braços de Stagg. Subito, a porta se abre. A doida sarabanda estarréce, surpresa, emmocionada. Um soldado acabava de entrar na sala, com um olhar vago, a chamar "Marianne!" Era André que voltava... allucinada, corri para elle. Detive-me, porém, na sua frente, timida, hesitante... Elle continuava a chamar-me... Foi então que percebemos o horror, a tragedia, a desgraca... André estava cégo!... Cégo!... Atirei-me em seus braços. Chorando. Soluçando. A um canto, Stagg, os olhos brilhantes, olhava-nos respeitosamente...

22 de Dezembro de 1918.
Como a vida é inexperada e caprichosa! Como se diverte em fazer de nós os seus brinquedos favoritos! Horas terriveis acabo de viver. Vendo André cégo e heroe, não tive coragem de deixal-o. Stagg ia partir. Eu estava com André quando elle se veiu despedir de mim. Agradeceu-lhe André o que elle havia feito pela sua noiva, o bom que havia sido para commigo. Eu lhe havia falado a seu respeito. Pallido, mal podia Stagg responder... Estreitamo-nos as mãos, como bons amigos... E Stagg sahiu.. Como louca, então corri-lhe no encalço, encontrando-o, ainda, na sala vizinha. Arrojei-me em seus braços. — Adeus! Adeus! meu amor! Para sempre! — Arrrancamo-nos um do outro, brutalmente. E elle se foi... Desatinada, puz-me a chorar, nervosamente. O vulto sereno de André assomou á porta. Só agora me lembro de que eu devia ter-me lembrado delle, nessa occasião. Não sei o que ouviu, não sei o que pensou. Retirou-se. Eu deixei-o ir. Poucas horas depois, recebi esta carta:

"Marianne.
Tu has de me desculpar se eu te disser a verdade. Emquanto estive no hospital, apaixonei-me pela minha enfermeira. Mas, como tinha a palavra empenhada comtigo, deixei-a para vir desposar-te. Hoje, porém, comprehendo que só a ella amo, embora sinta por ti uma amisade maior do que a minha vontade de viver... Perdoa-me se volto para ella. Esquece-me. E sê feliz.
André."

Não procurei descobrir o sublime sacrificio ou a sublime verdade que essas palavras encerravam. Foi só o tempo de agarrar os meus quatro orphãosinhos e sahir correndo atraz do trem. Um homem que encontrei no caminho, transportou-nos na sua motocycleta e eu ainda cheguei a tempo de apanhar o comboio... Nunca esquecerei a cara deslumbrada e louca que Stagg fez quando me atirei nos seus braços, gritando-lhe: — Sou tua! tua! Leva-me comtigo! Para a America! Eu te adoro!...

22 de Janeiro de 1919.
Agora, que, feliz e estabelecida na America, sou a feliz esposa do meu querido Stagg, fico a pensar, ás vezes, naquella extranha carta de André, no seu inesperado procedimento... Na precipitação dos acontecimentos e com o medo de perder o trem que levava Stagg, eu não me pude deter, naquella occasião, em apreciações a respeito do que acabava de me acontecer. Mas, agora que tudo passou, que, longe da França, eu me detenho em recordar aquelles terriveis e deliciosos momentos, sinto uma profunda gratidão pelo homem a quem devo a minha actual felicidade... André!... A gente pensa que ama, quando se é muito joven. O verdadeiro amor vem depois. Depois que se soffre. Depois que se luta. Depois que se vive. Stagg transformou-me. Illuminou-me. Synchronisou-me. Stagg fez da minha vida uma magnifica symphonia de que André só conhecera o preludio... Esperei tanto tempo por André! Pedi tanto a Deus que elle voltasse... E quando elle voltou, eu é que não era mais a mesma. Nunca se deve pedir nada a Deus. Nem as coisas boas. Deve-se aguardar os acontecimentos. Emfim, sem experiencia propria, ninguem aprende. Agora vejo que com André nunca poderia eu ser feliz como sou com Stagg. Meu amor por André... um caso de illusão de optica moral... Não obstante, a minha admiração cerca de um halo de luz a sua sympathica memoria. Ignoro o que tenha sido feito delle, mas... recordando e pensando bem, chego á conclusão de que elle amava-me realmente e que aquella historia toda da enfermeira... emfim! para que recordar coisas mortas? André ter-me-hia amado unicamente? Teria sido aquella historia da enfermeira uma divina mentira? Ou seria verdade? Não o creio... Certas coisas que recordo impedem-me de crel-o... Em todo o caso, elle merece toda a minha admiração e todo o meu respeito, porque, de qualquer modo, foi um heroe... André foi um cégo que soube ver.

Tudo pelo Jazz

(FIM)

giu em tão breve tempo, os galarins da popularidade e da fortuna, sendo a sua musica disputada em todos os cantos da America. Mas se de um lado a Sorte lhe sorria de outro o innundava de dissabores, porque o pae, longe de se compenetrar da situação, mais e mais a abominava e repelia. E a sua ogerisa pela musica moderna chegou ao extremo de abandonar a propria esposa, só porque soube que ella foi assistir um ensaio do filho! O seu desapparecimento veiu enche de mais angustias ainda a alma amargurada de TED. Em vão elle e a velhinha carinhosa o procuraram. E embalde HELENA, uma amiguinha de infancia de TED, que se celebrara como bailarina, o procurara tambem...

—oOo—

TED era figura indispensavel a qualquer espectaculo de maior importancia pelo prestigio da sua arte original. E naquelle festival em beneficio dos pobres sem *Papá Noel* elle brilhava quando HELENA descobriu num servente que varria, pacientemente o pateo do theatro, o velho desapparecido! Sem demora, offegante, a maior alegria e a emoção maior nos olhos, HELENA chamou TED e approximou-o de velho, fazendo-os se reconciliarem. E o velho, num trespasse de contentamento indescriptivel envolvendo o filho na ternura das palavras mais sentidas, disse-lhe que lhe apreciava a arte e que nella ninguem o sobrepujava razão pela qual tinha orgulho de ser seu pae! E com o velho que voltou, o amor da companheira de viagem que nunca o desamparara e os carinhos da mãesinha querida — elle construiu a sua immensa felicidade e o mais harmonioso de todos os seus poemas "musicaes"...

(*Barros Vidal* escreveu especialmente para "CINEARTE").

Detalhes intimos de Charles Chaplin

(FIM)

Gosta de bôas peças de theatro. De films SILENCIOSOS. E de jornaes Cinematographicos. Leva estes jornaes ás duzias para sua casa e passa-os diversas vezes na sua sala particular de projecção.

Jamais compareceu á um film falado. Continua dizendo, firme, que são a cousa mais cretina que já se fez e, indiscutivelmente, 100 vezes inferiores ao film Silencioso. Diz e jura que jamais fará um "talkie".

Sente o mesmo em relação ao film de 3ª. dimensão. Acha-o simplesmente absurdo. Diz que é impossivel ao publico abranger aquillo tudo com a vista e, ainda, seguir a historia. Tambem é contra e diz que jamais fará semelhante cousa. Tambem é contrario ao film colorido. Acha que Cinema, verdadeiro, é Cinema silencioso. Tamanho natural. Preto e Branco. Aqui estão cousas de Carlito. Aquelle que todos chamam de clown mas que todos respeitam como genio.

São apenas "snapshots" seus...

O—O—O—O—O—O—O—O—O—O—O—O

A Universal fará uma versão brasileira de "King of Jazz" de Paul Whiteman

Tendo Olympio Guilherme como mestre de cerimonias e Lia Torá como uma das artistas principaes, á Universal vae fazer uma versão em Brasileiro de "King of Jazz", o film revista de Paul Whiteman. Os dialogos foram traduzidos pelo Olympio Guilherme e a direcção será de Julio de Moraes. E' possivel, ainda, que Lia tambem faça um curto film em uma parte, falado em brasileiro, para a Paramount, sendo filmadas e gravados uma visita sua á diversos artistas da mesma fabrica, falando ella brasileiro com Charles Rogers, Gary Cooper e outros.

(FIM)

Correm todos á cabine do velho dono da plantação. Elle está morto. Não resistira aos golpes que recebera naquella mesa de jogo.

E emquanto Cameo se abysma em cogitações, Jack Moreau, irritando a todos os presentes, convence-os de que o unico culpado é Cameo Kirby, o jogador profissional...

Todos se revoltam contra elle. Ha a lucta innevitavel. Trahiçoeira e vil, Moreau fere Cameo e, emquanto os outros se distráem, atira-o pela amurada do barco ao rio.

E' Hyams que o salva. Atira-se em seu soccorro e salva-o.

Retemperado dos seus soffrimentos, Cameo Kirby, para poder entregar a plantação depois a Adele, resolve tomar posse da mesma. Tem o papel em seu poder. Não lhe falta a documentação necessaria.

E, assim, para lá se dirige.

Antes delle, porem, sempre vil e mesquinho, Jack Moreau estivera e se conservara. Incutira, no espirito da menina, a villania de que fôra Cameo Kirby o causador da morte de seu pae.

Quando elle chega e a vê. Reconhecendo-a, então, como a menina da sua eventura innesquecivel e romantica, vibra de intensa emoção.

Ella o despresa. Sente que ainda o ama. Mas despresa-o porque tem a sensação de que lhe vê nas mãos as cartas com as quaes arruinou seu pae e o levou ao suicidio...

Desesperado, fulminado pelo despreso daquella mulher que é toda a adoração de sua vida, Cameo Kirby esbofetea Jack Moreau e o força ao duélo.

Para a manhã seguinte.

Em duélo decente e honesto, Cameo Kirby liquida Moreau.

Mas Lea, a creoula amante de Moreau, encontra o corpo innanimado de seu querido. Esconde a arma e notifica o seriff de que Cameo Kirby havia assassinado Jack Moreau.

Acusado de ter atirado sobre um homem desarmado, mais cruel se torna a situação de Cameo Kirby. Elle se esconde.

A perseguição que lhe movem é cruel e medonha.

Desafiando ousadamente os seus perseguidores, elle procura Adele. Quer explicar-lhe o succedido. Ella não o quer ouvir. Chegam os que o procuram. Prendem-no. E então, embora ella não queira, elle lhe conta. Facto por facto. A transferencia. A contra transferencia que tinha escripto nas costas do documento. A roubalheira infame de Jack Moreau. O seu duélo honesto e decente. Tudo emfim!

Adele cede. Não pode duvidar por mais tempo daquelle homem que sabia digno e correcto e que a salvára e a respeitára com toda a dignidade de um verdadeiro cavalheiro.

Hyams é que salva a situação. Elle entra e traz Lea, a creoula. Apanhou-a e obriga-a a confessar a sua mentira.

Ella o faz e, assim, livra-se Cameo Kirby da condemnação de forca que pesava sobre sua cabeça.

Todos se afastam.

Apenas ficam Adele Randall e Cameo Kirby.

Afastam-se. Vão para um recanto sombrio e protector.

Abraçam-se.

Beijam-se.

Amam-se.

Dão largas aos seus corações que tanto haviam soffrido pelo muito que amavam um ao outro...

O bem amado

(FIM)

Foram ao campo. Louise mandou Charles accompanhal-a.

Leonie á frente. Charles, passos atraz. Deixaram os animaes e, silenciosos, foram apreciar a linda paisagem. Leonie estarrecia-se. Ao longe, flautins de pastores. Era uma melodia branda que to-

vinheta a paizagem entorpecente. Leonie, doida de felicidade, olhava aquillo tudo como se fosse o supremo encantamento. A canção daquella musica que vinha do valle. A musica dos pastores. Sem se dominar, approximou-se.

— Que ¡¡lindo! Versos hespanhóes, não é?

— Sim, Mademoiselle! Quer que os traduza?

Respeitoso, Charles apenas a contempla. Ella não o contemplava. Olhava-o com os olhos do pensamento... Insensivel, concordou.

E a historia éra assim. Um pastor. Uma princeza. Elle a amava. Conduzia, pela manhãs, os rebanhos para perto da janella de sua princeza. E cantava. Tocara-lhe o coração. Havia sentimento dentro delle. Mas o orgulho de uma condição. De uma raça. De uma linhagem. Afastava-a do unico homem que a poderia fazer feliz... E, todos os annos, tristes, éram os ultimos versos que vinham ferir seus ouvidos, sempre, constantes e ternos. Saudosos e fieis...

— Não ouves a minha vóz? Teu coração confessára. Baixinho... Que me ama e que sabe quanto soffro pela infelicidade deste amor...

NEMA NUNCA ENVELHECEM

Não se verá nunca um defeito na cutis de uma **estrella** de cinema. Ha a considerar que o mais insignificante defeito, ao ser ampliado o rosto da tela, seria tão notavel que elle constituiria uma ruina. Nem todas as mulheres sabem que ellas tambem podiam ter uma cutis digna de inveja de uma **estrella** do cinema. Toda a mulher possue, immediatamente abaixo de sua velha tez exterior uma cutis sem macula alguma. Para que essa nova e formosa cutis appareça á superficie basta fazer com que se desprenda a cuticula gasta exterior, o que se obtem com applicações de Cera Mercolized effectuadas á noite antes de deitar-se. A Cera Mercolized se acha em qualquer pharmacia e custa muito menos que os custosos cremes para o rosto, sendo, em troca, mais efficaz do que estes.

Cahiu ella sobre a gramma. Tudo ali cheirava mocidade. Verde. Nova. Crepitante. Sua pelle, arrepiada, sentia a brisa inexistente... Depois, já não resistindo ao impulso do seu affecto, mergulhou as mãos na relva. Arrancou-a, e, nervosa, em soluços, atirou-se ao sólo saccudida toda em soluços...

Armand, delicado, apanhou-a entre os braços. Virou, para elle, seu rosto molhado de lagrimas. Enxugou-lhe lagrima a lagrima todo o pranto. Depois, num impeto, apertou-a contra si e imprimiu seus labios nos della. Longamente. Como se a quizesse devorar naquella sêde de amor...

Passiva, inerte, quasi, agitou-se, depois.

— Deus! Mas o que fiz eu?... O que fiz ...

— Leonie! Amo-te! Sei que me amas tambem! Não o negues!

Ella já se erguera. Passos distante delle, olhava-o. Depois, mergulhando o rosto nas mãos, disse amargurada.

— Não, não póde ser! ... Cala-te! Devia estar doida quando cedi... Não te approximes de mim!

Armand não se approximou. Mas approximou sua palavra dos seus ouvidos.

— Tu me amas! Não o negues! Vi. Comprehendi. No crepitar dos teus olhos, quando te beijei...

Agarrou-a. Trouxe-a para perto de seu coração. Ia beijal-a. Ella disse, chorando e tremendo. Com brandura. Com tristeza na voz.

— Charles!...

Elle a deixou. Lembrou-se do seu orgulho que não se quebrava. E, para seu Imperador, ainda tinha que continuar a ser Charles por algum tempo...

Cinearte

Propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho"

DIRECTORES
Mario Behring e Adhemar Gonzaga.

DIRECTOR-GERENTE
Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS

Brasil: 1 anno, 48$; 6 mezes, 25$:— Estrangeiro: 1 anno, 78$; 6 mezes 40$.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO—Travessa do Ouvidor, 21. Endereço Telegraphico: O MALHO — Rio. Telephones: Gerencia: 2-0518 Escriptorio: 2-1.037. Officinas: 8-6247.

EM S. PAULO:

Succursal dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti — Rua Senador Feijó n. 27 — 8° andar — Salas 86 e 87 — São Paulo.

Representante em Hollywood:
L. S. MARINHO

— Perdoa-me! Não consegui me dominar. Mas quanto a Charles...

— Não continue. Peço-lhe que não dirija mais a palavra...

E, silenciosos, voltaram para a companhia da Condessa Louise.

* * *

No pateo estava Degrignon. Trazia a confirmação verbal do seu pedido e não se conformava com uma recusa. Brilhante éra o seu nome. Não havia motivo para recusa já que não havia outro pretendente. Mas Leonie passou por elle como se passasse ao lado de um objecto. Nem correspondeu ás suas primeiras palavras. Degrignon, apalermado, apenas aconselhou Louise a ir ter com ella e ver o que havia succedido. Degrignon approximou-se de Armand que conduzia os animaes para a estrebaria.

— O que houve?

Armand o olhou com imbecilidade e curiosidade. Degrignon contemplou-o como se contempla um imbecil.

— Talvez fosse a minha presença...

E resmungou mais algumas cousas.

— Estás aqui ha tempo?

— Ha dois mezes...

* * *

Degrignon retirou-se. Andando, reflectia. Dois mezes... Ha duas semanas Armand de Treville fugia. Sua voz tinha um accento gascão... E Charles, o servo, tambem... á porta de Leonie.

— Madamoiselle... O seu jantar...

Ninguem attendeu. Já tinha sido assim ao lunch. Ao almoço, antes. Não queria jantar, agora... Aquillo o aborrecia seriamente. Sussurrou ao lado da porta.

— Almocei por si. Para Madame não notar. Quer que jante, tambem?...

Ninguem respondia. Ia proseguir. Quando um assobio conhecido. Devia ser Coquad... E éra. Trazia novidades.

— O Imperador desembarcou em Cannes... Deves receber uma incumbencia da Velha Guarda nas montanhas, bem no passadeiro... A' meia noite. Depois marcharás para Grenoble...

Armand voltou. Coração leve.

— Louise. O Imperador voltou! Tenho ordens para partir, incontinente!

A Condessa estremeceu. Não teve tempo para commentar o occorrido. Armand já desapparecia e, a saltos, galgava a escadaria. Tornava a se postar á porta de Leonie.

— Querida... preciso falar-te ! Estou de partida Talvez nunca mais meus olhos contemplem a formosura do teu rosto!... Quero apenas dizer-te adeus...

Mas continuava o silencio...

— Podes ficar silenciosa. Sei que ahi estás. Não importa. Por mais abjecto que fosse não me absteria de te dizer, meu bem, o quanto eu te amo! O quanto eu te adoro! Não te digo nada mais. Leonie, meu amor, até outra vez!...

E desceu, rapido, as escadas, olhos humidos e garganta amarrada...

Do outro lado da porta, emquanto elle falára, contendo os soluços, lagrimas escorrendo pelo rosto, Leonie acariciava a figura que entrevia do outro lado. Acariciava-a. Quando elle lhe disse "adeus". Ella o beijou. A' altura dos seus labios... E, depois, quando ouviu o seu ultimo passo, distan-

(Termina no proximo numero)

Offnas Graphicas d'O MALHO